

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

RIANNE FRECIANO DE SOUZA

**CONTRIBUIÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO
ALUNO AUTISTA: DILEMA, PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES**

**SÃO MATEUS-ES
2020**

RIANNE FRECIANO DE SOUZA

CONTRIBUIÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO
ALUNO AUTISTA: DILEMA, PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Mestrado do Programa de Mestrado da Faculdade Vale do Cricaré, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional – área de concentração: Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Professor Orientador: Dr. José Roberto G. de Abreu

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

S729c

Souza, Rianne Freciano de.

Contribuição didática e pedagógica para o ensino do aluno autista: dilema, perspectivas e possibilidades / Rianne Freciano de Souza – São Mateus - ES, 2020.

97 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

Orientação: prof. Me. José Roberto Gonçalves de Abreu.

1. Autismo. 2. Prática pedagógica. 3. Educação inclusiva. I. Abreu, José Roberto Gonçalves de. II. Título.

CDD: 371.9

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

RIANNE FRECIANO DE SOUZA

**CONTRIBUIÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA PARA O ENSINO
DO ALUNO AUTISTA: DILEMAS, PERSPECTIVAS E
POSSIBILIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 07 de maio de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Me. José Roberto Gonçalves de Abreu
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Juliana Martins Cassani
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. Wagner dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Dedico ao meu esposo e aos meus filhos que estiveram sempre ao meu lado apoiando e pela compreensão com as minhas horas de ausência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me capacitou e me direcionou em todos os momentos.

Ao meu esposo, Anderson da Silva Francisco, pelo apoio, paciência, compreensão, incentivo, que nos momentos de alegria e nos momentos difíceis esteve sempre junto a mim.

Aos meus filhos, Marianna Freciano, Francisco e Pedro Lucas Freciano Francisco que são a razão da minha vida.

À minha sogra, Alda Maria Silva Francisco, que foi minha incentivadora e pelo apoio incondicional.

Às professoras, alunos e pais que se dispuseram a participar desta pesquisa, com valiosíssimas e imprescindíveis contribuições na realização deste estudo.

O meu orientador, Professor Me. José Roberto G. de Abreu, pelos ensinamentos, por me estimular e exigir progressos, que apontou caminhos contribuindo para meu crescimento científico e intelectual. Todo meu carinho e respeito!

Aos demais professores do Mestrado que muito me enriqueceram com novos saberes.

RESUMO

SOUZA, R. F. **CONTRIBUIÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO ALUNO AUTISTA: DILEMA, PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES.** 2020. 95f. Dissertação (Mestrado) Faculdade Vale do Cricaré. São Mateus-ES. 2020.

Dentro da temática sobre autismo, o presente trabalho constituiu estudos da literatura, observação e pesquisa de elementos significativos sobre dilemas, perspectivas e possibilidades na contribuição didática e pedagógica no processo de ensino e aprendizagem do aluno autista aliando aspectos teóricos articulados à prática docente. Sabe-se que o autismo é resultante de uma perturbação no desenvolvimento do sistema nervoso na gestação que afeta o funcionamento cerebral em diferentes áreas, principalmente na capacidade de interação social e de comunicação, algumas das funções mais afetadas. Nessa vertente que surgiu a problemática da pesquisa, em que se questiona: Quais as possibilidades e desafios dos professores para uma efetiva inclusão de alunos autistas em suas aulas? Para tanto, a pesquisa objetivou investigar a contribuição didática e pedagógica para o ensino do aluno autista no processo inclusivo de ensino e aprendizagem na sala de aula. Visou, também, identificar os dilemas, as perspectivas e as possibilidades na inclusão de alunos autistas no seu processo de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar, analisar as práticas inclusivas realizadas pelos profissionais da educação de uma escola pública de Ensino Fundamental I e elaborar um caderno de sugestões de práticas inclusivas que contribuem com os profissionais da educação frente ao atendimento aos alunos autistas na perspectiva da inclusão. Teve como sujeitos da pesquisa os alunos autistas do turno matutino, seus respectivos professores e pais. Esta pesquisa é de cunho exploratório com levantamento bibliográfico que sustenta sua visão teórica. Na visão prática, ela se consolida por meio de observação dos alunos e a aplicação de questionários com professores e pais para sondagem das opiniões sobre a temática. Este estudo teve caráter descritivo e com método de procedimento qualitativo e visão quantitativa por meio de dados quantificáveis a fim de traçar os resultados. Estes apontaram as dificuldades encontradas pelas professoras em atuar com os alunos com autismo por não conhecerem as práticas pedagógicas voltadas para a aprendizagem desses alunos. Portanto, para que haja uma efetiva contribuição na inclusão desses alunos no processo de ensino e aprendizagem na torna-se necessário formação continuada para estudos, discussões oportunizando um repensar da prática pedagógica, voltada às necessidades individuais do aluno autista em virtude da sua especificidade. Esta pesquisa é relevante porque além de contribuir para um olhar mais sensível para a desconstrução de rótulos e inverdades sobre o autismo, também deixa claro que a família deve ser partícipe do tratamento e acompanhamento, pois aumenta o estímulo para o desenvolvimento da criança bem como o conhecimento a respeito da sua realidade. Juntos numa perspectiva, família e escola valorizarão constituição do sujeito, as condições educacionais, sociais e históricas.

Palavras-chave: Autismo; Prática Pedagógica; Educação Inclusiva.

ABSTRACT

SOUZA, R. F. **Didactic and Pedagogical Contribution to the Teaching of Autistic Students: dilemma, perspectives and possibilities.**2020. 95f. Dissertation (Master's Degree) Faculae Vale do Cricaré. 2020.

Within the theme about autism, the present work constituted studies of literature, observation and research of significant elements about dilemmas, perspectives and possibilities in the didactic and pedagogical contribution in the teaching and learning process of autistic students combining theoretical aspects articulated to teaching practice. It is known that autism is the result of a disturbance in the development of the gestation nervous system that affects brain function in different areas, mainly in the ability to interact socially and communicate are some of the most affected functions. In this aspect that the research problem arose, in which it is questioned: What are the possibilities and challenges of teachers for an effective inclusion of autistic students in their classes? Therefore, the research aimed to investigate the didactic and pedagogical contribution to the teaching of autistic students in the inclusive process of teaching and learning in the classroom. It also aimed to identify the dilemmas, perspectives and possibilities in the inclusion of autistic students in their teaching and learning process in the school routine, analyze the inclusive practices carried out by the professionals of the education of a public elementary school I and elaborate a notebook of suggestions for inclusive practices that contribute to education professionals in relation to the care of autistic students in the perspective of inclusion. The research subjects were autistic students of the morning shift, their respective teachers and parents. This research is exploratory in nature with a bibliographic survey that supports his theoretical vision. In the practical view, it is consolidated through observation of students and the application of questionnaires with teachers and parents to survey opinions on the theme. This study was descriptive and with a qualitative procedure method and quantitative view using quantifiable data in order to trace the results. These pointed out the difficulties encountered by teachers in working with students with autism because they do not know the pedagogical practices aimed at learning these students. Therefore, in order to make an effective contribution to the inclusion of these students in the teaching and learning process, it is necessary to continue continuing education for studies, discussions providing an opportunity for a rethinking of pedagogical practice, focused on the individual needs of autistic students due to their specificity. This research is relevant because in addition to contributing to a more sensitive look at the deconstruction of labels and untruths about autism, it also makes it clear that the family should be a participant in the treatment and follow-up, as it increases the stimulus for the child's development as well as knowledge about their reality. Together from a perspective, family and school will value the constitution of the subject, the educational, social and historical conditions

Keywords: Autism; Pedagogical Practice; Inclusive Education.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Fica bem na sala de aula.....	42
GRÁFICO 2 - Relaciona com outras crianças.....	43
GRÁFICO 3 - Se sobem escadas, móveis e outros.....	44
GRÁFICO 4 - Gosta de brincar.....	44
GRÁFICO 5 - Sensibilidade à barulho.....	46
GRÁFICO 6 - Interação na brincadeira.....	47
GRÁFICO 7 - Ter profissional de Educação Especial.....	48
GRÁFICO 8 - Responde quando é chamado pelo nome.....	50
GRÁFICO 9 - Executa movimentos estranhos com o dedo perto do rosto.....	51
GRÁFICO 10 - Faz tarefas escritas.....	52
GRÁFICO 11 - Descobriram filhos autistas.....	56
GRÁFICO 12 - Sensibilidade à barulho.....	58
GRÁFICO 13 - Relacionamento com outras crianças.....	59
GRÁFICO 14 - Uso do dedo indicador.....	60
GRÁFICO 15 - Olha nos olhos.....	61

LISTA DE SIGLAS

ABA	Análise Aplicada do Comportamento
DSM	Diagnostic and Statistical of Mental
EEEF	Escola Estadual de Ensino Fundamental
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MS	Ministério da Saúde
SEME	Secretaria Municipal de Educação
SRE	Superintendência Regional de Educação
TID	Transtorno Invasivo do Desenvolvimento
TGD	Transtorno Global de Desenvolvimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 AUTISMO.....	17
2.2 DECLARAÇÃO DE SALAMANCA	27
2.3 EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA.....	29
3 METODOLOGIA.....	34
3.1 LOCUS DA PESQUISA.....	34
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	35
3.2 CAMINHOS DA PESQUISA.....	36
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICES	73
APÊNDICE A - FICHA DE OBSERVAÇÃO DE ALUNOS	73
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES.....	74
APÊNDICE C - ENTREVISTA PARA OS PAIS.....	75
APÊNDICE D- CADERNO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS.....	77
ANEXOS	83
ANEXO 1- AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA.....	84
ANEXO 2-TEXTO: A IMPORTÂNCIA DE CONHECER PARA INCLUIR.....	85
ANEXO 3 – 15 DICAS PARA AJUDAR SEU ALUNO AUTISTA.....	95

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o autismo é um transtorno que engloba a síndrome de Asperger e abarca diversas dificuldades do desenvolvimento no ser humano, prejudicando a capacidade dele de se comunicar e interagir com outras pessoas. Ele faz parte de um espectro que além de limitar as interações sociais, interfere nas habilidades, comportamentos, fala e comunicação não-verbal. Portanto, é denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA). O Manual da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019, p. 11): “O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos.”

Abordar sobre autismo exige muita dedicação, estudos sobre este tipo de deficiência e um exercício constante de aprendizagem. As atuais políticas públicas buscam através do segmento da Educação Especial, garantir o acesso, a participação, a aprendizagem e a permanência, de pessoas com deficiências. Teapoió (2020, p.1) menciona que: “A Lei 13.146 de julho de 2015, [...] Lei Brasileira de Inclusão, consagrou a política de educação inclusiva no Brasil. [...] todas as escolas, sejam públicas ou particulares devem cumprir as determinações dessa lei [...]”

Neste contexto, acredita-se em um saber-fazer pautado na colaboração que leve os profissionais da educação a uma percepção/análise crítica de seu papel enquanto promotores de mudanças qualitativas, no interior da escola, frente ao processo ensino e aprendizagem dos autistas verdadeiramente inclusivo, pois este é considerado como um transtorno em detrimento de englobar a síndrome de Asperger envolvendo várias dificuldades do desenvolvimento humano

De acordo com Opas (2017, p.3). “[...] pessoas com TEA e outros problemas de desenvolvimento precisam ser acompanhadas por ações mais amplas, tornando seus ambientes físicos, sociais e atitudinais mais acessíveis, inclusivos e de apoio”. Portanto, este estudo é fruto, inicialmente, de reflexões sobre a vivência da pesquisadora, enquanto profissional, que por ter tido a experiência de atuar como professora de um dos sujeitos da pesquisa, sem acompanhamento de um profissional específico da Educação Especial em sua turma. Essa e outras situações geraram inquietações, sendo um grande desafio na prática docente, o que exigiu muitos estudos sobre o tema, reflexões e busca de atividades que atendessem às especificidades do autista.

Foi um dos períodos que realizamos muitos estudos sobre a importância e de como desenvolver um trabalho no processo de aprendizagem de aluno autista, pois sempre acreditamos que esse fazer pedagógico não deve ser apenas os conhecimentos conteudistas das disciplinas, desconsiderando as especificidades do aluno com deficiência, pois isso acabaria resultando em uma avaliação negativa do discente.

Assim, fez-se necessário um estudo sobre a Educação Especial Inclusiva devido a sua relevância com o processo de inclusão escolar dos alunos com deficiência, e pelo ideal de uma escola devidamente inclusiva, buscando um novo rumo às expectativas educacionais para o aluno com deficiência. Neste contexto, esta pesquisa enfocou a temática “A Contribuição do Processo de Ensino e Aprendizagem do aluno autista”, fundamentando-se em teóricos como: Bosa (2019); Costa; Barros (2017); Escobar (2019); Opas (2017); Oliveira; Prestrelo; Prestrelo (2018) dentre outros.

Sabemos que o Autismo, na sua história, apresenta grandes evoluções desde seu conceito até as diversas formas que ele pode manifestar-se em diferentes pessoas, portanto é muito importante estudos, reflexões, formação de profissionais e ações inclusivas, para que haja verdadeiramente mudança de postura do educador frente à questão inclusiva dos autistas, buscando o desenvolvimento de um trabalho efetivo em prol dos mesmos.

Tendo em vista que a escola é lugar de convivência, aprendizado, porém lidar, durante todo um ano letivo com uma criança diagnosticada com autismo não verbal, identificar suas fragilidades e buscar seu desenvolvimento no dia a dia, foi o que motivou esta pesquisa. Neste contexto, ela teve como problema investigativo: Quais as possibilidades e desafios dos professores para uma efetiva inclusão de alunos autistas em suas aulas?

Teve como Público Alvo os 3 (três) alunos autistas do turno matutino de uma escola pública da Rede Estadual de Ensino do Ensino Fundamental I do Município de Cachoeiro de Itapemirim-ES, suas respectivas professoras e pais. Hoje, as escolas estaduais, vivem uma realidade em que o segmento da Educação Especial não possui professores auxiliares e nem cuidadores para atenderem os alunos autistas. Estes ficam sobre a responsabilidade somente do professor (a) regente que tem que dá contas deles e toda a turma. Isso tem sido uma realidade muito dura, até porque a lei

ampara, porém, há falta de profissionais, em virtude da burocracia do Sistema Estadual e tem afetado muito o setor da Educação Especial.

Esta pesquisa fundamentou-se na necessidade de investigar as possibilidades de uma efetiva inclusão dos alunos autistas no processo ensino e aprendizagem na sala de aula, pois apesar de inúmeras leis, sustentarem o exercício para efetivação da inclusão escolar de crianças com deficiências, nota-se que ainda existem resistências bastante significativa por parte de algumas escolas e/ou professores, sendo que essa resistência se alarga aos demais profissionais da escola.

Nesse sentido, acredita-se que há uma necessidade de que estudos sejam realizados acerca dessa temática para que essa fragilidade, esse pensamento paradigmático venha ser quebrado frente a algumas concepções um tanto confusas que a escola possui frente à inclusão escolar de alunos autistas. O Manual da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019, p. 11) faz a seguinte abordagem sobre autismo:

[...] sintomas configuram o núcleo do transtorno, mas a gravidade de sua apresentação é variável 1. Trata-se de um transtorno evasivo e permanente, não havendo cura, ainda que a intervenção precoce possa alterar o prognóstico e suavizar os sintomas.

Assim, pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem como garantia permanência e progresso dos alunos autistas se torna relevante, pois enquanto educadores, precisamos sempre caminhar sob os pressupostos da sensibilização e da mobilização para que direitos sejam exercitados nomeio social, em especial, na escola, sempre em busca de um novo olhar frente às diferenças significativas e da compreensão do que e como ensinar e que o aprender faz parte de um processo mútuo.

Devemos acreditar que todos os sujeitos são educáveis aqui em destaque os autistas, que por lei tem garantido o direito de habitar o espaço da sala de aula regular, mas de maneira que possa apropriar-se do conhecimento sistematizado.

O espaço escolar e as relações que ocorrem nele são de extrema importância para a formação social de crianças e jovens. Importante, portanto, se faz discutir como esse espaço pode ser construído para todos, principalmente para alunos com deficiência que por muitos anos passaram por um cenário de segregação social. (OLIVIERA; PRESTRELO, 2018, p.11)

As reflexões acerca da escola como espaço público é de grande potência para o ensino e aprendizagem do aluno com deficiência e isso nos liga a outro conceito importantíssimo desse autor, a educabilidade humana. Sobre essa idealização, Dalbosco (2019, p. 11) confirma que:

Ora, é justamente a educabilidade que permite o ser humano usufruir do espaço livre que a natureza lhe deixou para ser ele mesmo a partir de suas disposições e escolhas. A educabilidade é, então, a capacidade humana de se autodeterminar. Nesse sentido, o ser indeterminado que possui em si mesmo, por meio da liberdade, a possibilidade de autodeterminação constitui o aspecto paradoxal da condição humana que cruza o projeto educacional [...].

Assim, acreditamos que é possível desencadear ações para potencialização de práticas pedagógicas inclusivas propostas nessa pesquisa, visando um processo de uma educação que realmente se faça inclusiva no interior das escolas, em consonância com os parâmetros legislativos vigentes e levando em consideração a aceitação das diferenças significativas existentes no contexto educacional.

O objetivo geral é investigar a contribuição didática e pedagógica para o ensino do aluno autista no processo inclusivo de ensino e aprendizagem na sala de aula.

Para alcançá-lo, se faz necessário elencar os seguintes objetivos específicos:

- Identificar os dilemas, as perspectivas e as possibilidades na inclusão de alunos autistas no seu processo de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar.
- Analisar as práticas inclusivas realizadas pelos profissionais da educação de uma escola pública de Ensino Fundamental I.
- Elaborar um caderno de sugestões de práticas inclusivas que contribuem com os profissionais da educação frente ao atendimento aos alunos autistas na perspectiva da inclusão

Portanto, esta pesquisa está estruturada em cinco capítulos: no primeiro produzimos às considerações introdutórias, o problema, a justificativa, os objetivos e a sua organização.

No segundo capítulo abordamos à fundamentação teórica, com apresentação dos autores que sustentaram todo o estudo, dentre eles. Nóvoa (2017), a LDBEN 939/1996, a Lei nº 12.764/2012, Gomez e Teran (2014), Bittencourt (2015); entre outros, os quais enriqueceram o embasamento teórico desta pesquisa.

No terceiro capítulo referimos aos procedimentos metodológicos, detalhando todo o caminho da pesquisa desde dos estudos bibliográficos, perpassando pela pesquisa de campo e a produção do Produto Final

No quarto capítulo apresentamos a coleta dos dados, seus resultados bem como suas análises.

Este trabalho integra uma série de pesquisas desenvolvidas pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus- ES, voltadas ao processo de inclusão de pessoas público-alvo da Educação Especial, sob orientação do Professor José Roberto Gonçalves de Abreu.

O pesquisador também coordena o NUPEFS (Núcleo de Pesquisas em Educação Física e Saúde) e é membro do Laboratório Pró-reitora, do Centro de Educação Física e Desportos da UFES. Desta renomada Instituição de Ensino Superior Federal, na busca por uma compreensão local do fenômeno da inclusão, também foram consultadas obras do PPGE – UFES (programa de Pós-graduação em Educação). Tais leituras foram importantes no encaminhamento teórico deste texto na busca pela compreensão dos meandros do processo de inclusão escolar de pessoas que são público-alvo da Educação Especial.

Da Faculdade Vale do Cricaré - São Mateus-ES, destacamos as seguintes Dissertações já defendidas: Uso da Modalidade *Mobile Learning* na Alfabetização de um Aluno com Síndrome de Down – 2019 da autoria de Roberta Farias dos Santos Monteiro e Estratégias para Inclusão Escolar de alunos com Transtornos do Espectro Autista na Educação Infantil – 2019 – autoria de Valéria Ribeiro Rosa dos Santos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AUTISMO

O autismo não é um distúrbio raro, ele é considerado um transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), pelo *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder*, da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-IV) que:

[...] propõe que seis itens são suficientes para chegar-se ao diagnóstico, sendo exigidas ao menos duas alterações relacionadas à sociabilidade, uma relacionada à comunicação e uma alteração de comportamento do tipo repetitivo ou estereotipado (MERCADANTE-DSM-IV, 1994).

O Autismo é considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento, que vem suscitando inúmeras pesquisas nos últimos anos. Ele envolve os comprometimentos na linguagem e na interação social que buscam incluir as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Bittencourt (2015):

Por ser um distúrbio com diferentes níveis de comprometimento, recebe o nome de “espectro autista” [...] há três comprometimentos que são considerados mais comuns. O primeiro é na interação social, ou seja, no modo de se relacionar com outras crianças, adultos ou com o meio ambiente. [...] O segundo sintoma recorrente é a dificuldade na comunicação: há crianças que não desenvolvem a fala e outras que têm ecolalia (fala repetitiva). Como terceiro sinal, há a questão comportamental: as ações podem ser estereotipadas, repetitivas.

O TEA foi normatizado através da Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que é identificado na infância na faixa etária entre 1 ano e meio e 3 anos, porém os sinais iniciais podem aparecer já nos primeiros meses de vida, porém com diferentes graus de funcionalidade.

O autismo é um problema psiquiátrico que costuma ser identificado na infância, entre 1 ano e meio e 3 anos, embora os sinais iniciais às vezes apareçam já nos primeiros meses de vida. O distúrbio afeta a comunicação e capacidade de aprendizado e adaptação da criança. (PINHEIRO, 2018, p.13).

Foi lançado em maio de 2013, a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), que trouxe algumas mudanças importantes, entre elas novos diagnósticos e alterações de nomes de doenças e

condições que já existiam, dentre elas o autismo como a Síndrome de Asperger, que foi incorporado a um novo termo médico denominado Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Assim, com essa nova definição, a Síndrome de Asperger passa a ser considerada uma forma mais branda de autismo, em que os pacientes são diagnosticados apenas em graus de comprometimento.

Vale ressaltar que a Lei nº 12.764/12 estabelece diretrizes para sua consecução. Em seu 2º parágrafo define que os autistas passam oficialmente a ser considerados pessoas com deficiência, tendo direito a todas as políticas de inclusão do país - entre elas, as de Educação, com o direito de estudar em escolas regulares e, quando necessário, solicitar um acompanhante especializado. Aborda também a formação do professor e o apoio aos responsáveis, visando uma parceria entre escola e família.

O Artigo 7º aborda sobre a punição para o gestor escolar que se recusar a matricular uma criança com espectro autista. E, o 1º parágrafo é específico sobre quais pessoas podem ser consideradas com o transtorno do espectro autista. Estas precisam apresentar:

I – Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II – Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

Temos, no artigo 2º, as diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que são: a integração de setores no desenvolvimento das ações e de políticas voltadas para o atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, com a participação da comunidade na elaboração de políticas públicas e a atenção integral às necessidades de saúde visando o diagnóstico precoce, atendimento multiprofissional, e acesso a medicamentos e nutrientes.

Além de sua inserção no mercado de trabalho respeitando suas particularidades, cabendo a responsabilidade do poder público o acesso à informação, incentivo à pesquisa científica em relação ao transtorno no Brasil e incentivo para

formação e capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com TEA bem como os pais e responsáveis.

O artigo 3º aborda sobre os direitos da pessoa com TEA, dentre eles, o direito a uma vida digna, isto é: acesso a serviços de saúde, atendimento, proteção, nutrição e medicamentos e ao diagnóstico precoce, mesmo que este não seja definitivo. Também devem ter acesso à educação, ao ensino profissionalizante, à moradia e ao mercado de trabalho. Vale ressaltar que o parágrafo único diz: “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.” (PARÁGRAFO ÚNICO, LEI Nº 12.764/12).

O artigo 7º enfatiza que qualquer forma de preconceito por parte das escolas, não será mais aceita sob pena de punição. Portanto, recusar matrícula é algo proibido por lei, e estabelece a punição. “[...] o gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos”. (ART 7º, LEI Nº 12.764/12). Nela se apresenta a baixa, média e alta funcionalidade. O autismo é considerado:

O transtorno do espectro autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva.

O TEA começa na infância e tende a persistir na adolescência e na idade adulta. Na maioria dos casos, as condições são aparentes durante os primeiros cinco anos de vida.

Indivíduos com transtorno do espectro autista frequentemente apresentam outras condições concomitantes, incluindo epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). O nível de funcionamento intelectual em indivíduos com TEA é extremamente variável, estendendo-se de comprometimento profundo até níveis superiores. (OPAS, 2017, p.3)

Nas diversas funcionalidades, encontramos autistas com diferentes características. De acordo com Pinheiro (2018, p.14):

Na forma qualificada como de baixa funcionalidade, a criança praticamente não interage, vive repetindo movimentos e apresenta atraso mental. O quadro provavelmente vai exigir tratamento pela vida toda.

Na média funcionalidade, o paciente tem dificuldade de se comunicar e repete comportamentos. Já na alta funcionalidade, esses mesmos prejuízos são mais leves, e os portadores conseguem estudar, trabalhar e constituir uma família com menos empecilhos.

Há ainda uma categoria denominada savant. Ela é marcada por déficits psicológicos, só que com uma memória fora do comum, além de talentos específicos.

O autismo apresenta taxa de incidência maior no sexo masculino, e é uma desordem neurobiológica, sendo hoje uma das patologias mais encontradas na infância. Os estudos apontam que os genes têm papel importante, mas não são os únicos fatores envolvidos e não existe relação com a falta de afeto entre a criança e seus pais.

Em casos de TEA sem causa identificável, o risco de recorrência baseia-se em observações empíricas: para um casal com um filho acometido, calcula-se que este risco seja de 3 a 10%, sendo ele mais alto quando o filho acometido é do sexo feminino (~7%) e mais baixo para o sexo masculino (~4%). Se dois ou mais filhos forem acometidos, o risco de recorrência aumenta para 33 a 50% (OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017, p. 239).

Vale ressaltar que o seu diagnóstico não é possível em exames, o que faz com que se torne um agravante para que os pais não saibam da existência desse transtorno. Os exames servem para identificar se existe alguma doença associada com o autismo. Muitas crianças que são autistas, no início são diagnosticadas como surdas, devido não responderem a barulhos ou aos estímulos dos pais e da família.

O principal problema enfrentado pelos profissionais é a identificação do autismo e o encaminhamento tardio, pois na maioria dos casos acontece na idade escolar, onde escola, professores e equipe pedagógica alertam. Porém, é bom que a criança seja matriculada em uma escola regular para conviver com crianças não autistas e que essas intervenções sejam feitas antes dos 4 anos de idade. Neste sentido, Tenório e Pinheiro (2018, p. 11) enfatizam que o autismo: “[...] costuma ser identificado na infância, entre 1 ano e meio e 3 anos, embora os sinais iniciais às vezes apareçam já nos primeiros meses de vida. O distúrbio afeta a comunicação e capacidade de aprendizado e adaptação da criança.”

Autores destacam a importância do diagnóstico precoce do autismo, porque o mesmo auxilia no planejamento das intervenções, que influenciam no desenvolvimento da criança, porém afirmam que nenhuma abordagem de tratamento deve ser considerada como totalizadora, pois elas precisam estar contextualizadas de modo a atender as diferentes situações e os casos específicos. Bittencourt (2015, p.12) afirma que:

Uma estimativa feita em 2010, cujos resultados acabaram de ser divulgados pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças, nos Estados Unidos, mostrou que 1 em cada 68 crianças é diagnosticada com autismo no país - 30% a mais do que em 2008. No entanto, o diagnóstico não é tão simples assim. Isso porque não há um exame específico que indique o transtorno – a avaliação deve ser clínica e feita por uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, terapeuta ocupacional e fonoaudiólogo. É comum, ainda, que os sintomas sejam confundidos com surdez (já que a criança não responde aos estímulos), deficiência intelectual e problemas de linguagem.

Sabe-se que as causas do autismo não são totalmente conhecidas, mas há evidências de que é devido predisposição genética, infecções durante a gravidez e mesmo fatores ambientais, como poluição no desenvolvimento do distúrbio. Portanto:

O autismo é uma temática altamente chamativa, pois mesmo com os estudos realizados até o momento, sua abordagem continua a desafiar profissionais de diferentes áreas. Logo, a autora expõe a necessidade de empenho a fim de compreender fenômenos relacionados ao autismo em que existe pouca explanação e esclarecimento. (BOSA, 2006, p.21).

Por ser, o autismo, um transtorno com algumas incógnitas, sabe-se que há um longo caminho para explorá-lo e conhecê-lo. Nesta perspectiva, é necessário que se tenha consciência de como lidar e o que fazer para ajudar o aluno autista. Isso exige boa vontade, cuidado, conhecimento, pois isso é fundamental para que pequenas ações possam fazer com que o aluno seja socializado e aos poucos adquira confiança para se relacionar com os outros.

A intervenção durante a primeira infância é importante para promover o desenvolvimento ideal e o bem-estar das pessoas com transtorno do espectro autista. Recomenda-se o monitoramento do desenvolvimento infantil como parte dos cuidados de saúde materno-infantil de rotina. (OPAS, 2017)

É importante ofertar um ambiente estruturado, rotinas organizadas, de forma a antecipar o que vai ser feito ao longo do dia, realizar uma preparação prévia para alguma mudança futura, buscar reduzir o número de situações inesperadas, ser objetivo e claro, pois com essas ações simples pode-se melhorar o convívio do autista com os outros e é muito importante que a criança com espectro autista saiba o que as pessoas esperam dela nas mais variadas situações. Segundo Bittencourt (2015, p, 13):

Qualquer mudança na rotina passa a ser incômoda para a criança. Imagine que a mãe sempre vá buscar o filho na escola. Certo dia é o avô quem vai pegá-la no colégio – e altera a rota de sempre. Pode ser que ela, diante dessa

mudança, fique agitada e grite, por exemplo. Isso acontece porque a rotina é um “mapa” usado pelo autista para reconhecer o mundo. Se algum traço desse caminho for alterado, a criança vai reagir.

Os sintomas de autismo, quanto ao comportamento da criança, são: acessos de raiva intensos, ficando preso em um único assunto ou tarefa de baixa capacidade de atenção, poucos interesses, hiperativo ou muita passividade, comportamento agressivo com outras pessoas ou consigo, necessidade intensa de repetição e realização de movimentos corporais repetitivos.

Quando recém-nascido se parece diferente de outros bebês, raramente chora, torna-se rígido quando é pego no colo. Primeiro ano, não pede nada, não nota sua mãe, sorrisos, resmungos, demonstra falta de interesse por jogos, é muito reativo aos sons, não é afetuoso à ausência de comunicação verbal ou não verbal, é hipo ou hiper-reativo aos estímulos, há aversão pela alimentação sólida, etapas do desenvolvimento motor são irregulares ou retardadas. Segundo e o terceiro anos, é indiferente aos contatos sociais, comunica-se mexendo a mão do adulto, o interesse pelos brinquedos, consiste em alinhá-los, procura estimulações sensoriais como ranger os dentes, esfregar e arranhar superfícies, fixar fixamente detalhes visuais, olhar mãos em movimento ou objetos com movimentos circulares. Quarto e quinto ano possui ausência do contato visual, linguagem limitada ou ausente – ecolalia- inversão pronominal anomalia do ritmo do discurso, do tom e das inflexões e resistência às mudanças no ambiente e nas rotinas. (ORNTZ Apud COSTA; NUNES/MAIA, 1998, p. 25).

Além disso, pessoa com autismo pode apresentar sintomas de problemas de visão, audição, tato, olfato ou paladar excessivamente sensíveis, alteração emocional anormal quando há alguma mudança na rotina, movimentos corporais repetitivos e demonstração de apego anormal aos objetos. Sendo que esses sintomas podem variar de moderados a graves.

Vale destacar que os problemas de comunicação no autismo podem ocorrer por não conseguir iniciar ou manter uma conversa social, realizando comunicação com gestos em vez de palavras, tendo desenvolvimento da linguagem lentamente ou até mesmo não a desenvolvendo. De acordo com o Manual de Orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019, p. 13):

As dificuldades graves de comunicação, entretanto, frequentemente resultam em menos participação em atividades sociais e aparente desinteresse pela comunicação. Ausência de linguagem e aparente desinteresse pelo contato social podem ser características facilmente associadas aos TEA. Muitas vezes, um período relativamente curto de terapia fonoaudiologia focada na interatividade pode possibilitar esse diagnóstico diferencial

Possuem, também, dificuldade de ajustar a visão para olhar para os objetos que as outras pessoas estão olhando, não se referir a si mesmo de forma correta, não apontar para chamar a atenção das pessoas para objetos, repetir palavras ou trechos memorizados, como comerciais e fazer uso de rimas sem sentido

Porém, nem sempre a criança apresentará todos eles. Os sintomas do autismo podem ser agrupados em interações sociais como: Não fazer amigos, não participar de jogos interativos, serem retraído, não responder a contato visual e sorrisos ou evitar o contato visual, tratar as pessoas como se fosse objetos, preferir ficar sozinho, em vez de acompanhado e mostrar falta de empatia. De acordo com o Manual de Orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019, p. 2):

São sinais sugestivos no primeiro ano de vida:- perder habilidades já adquiridas, como balbucio ou gesto dêitico de alcançar, contato ocular ou sorriso social; - não se voltar para sons, ruídos e vozes no ambiente; - não apresentar sorriso social; - baixo contato ocular e deficiência no olhar sustentado; - baixa atenção à face humana (preferência por objetos); - demonstrar maior interesse por objetos do que por pessoas; - não seguir objetos e pessoas próximos em movimento; - apresentar pouca ou nenhuma vocalização; - não aceitar o toque; - não responder ao nome; - imitação pobre; - baixa frequência de sorriso e reciprocidade social, bem como restrito engajamento social (pouca iniciativa e baixa disponibilidade de resposta)- interesses não usuais, como fixação em estímulos sensorio-viso-motores; - incômodo incomum com sons altos; - distúrbio de sono moderado ou grave; - irritabilidade no colo e pouca responsabilidade no momento da amamentação.

Os sintomas em relação às informações sensoriais são: Não se assusta com sons altos, possui a visão, audição, tato, olfato e o paladar ampliado ou diminuído, pode achar ruídos normais dolorosos, cobrir os ouvidos com as mãos, pode evitar contato físico por ser muito estimulante ou opressivo, esfrega as superfícies, põe a boca nos objetos ou os lambe e parece ter um aumento ou diminuição na resposta à dor.

Nas brincadeiras, a criança com autismo pode demonstrar os seguintes sintomas: Não imitar as ações comandadas por outras pessoas, pois prefere brincadeiras solitárias ou ritualistas e não participa de brincadeiras de faz de conta ou de imaginação. Zenklub (2018) enfatiza os seguintes tipos de autismos:

1- Síndrome de Asperger- que é um transtorno neurobiológico que está dentro da categoria de transtornos globais do desenvolvimento. Esta síndrome é considerada, portanto, uma forma mais branda de autismo. De acordo com as autoras Martins e Monteiro (2017, p.15):

O aspecto nuclear do transtorno autista é a dificuldade em estabelecer relações interpessoais, o que na perspectiva histórico-cultural é considerado central para o desenvolvimento do sujeito. Contrastando com os programas desenvolvidos por outras perspectivas teóricas, as propostas fundamentadas nos estudos de Vygotsky enfatizam a necessidade de investir nas possibilidades de interações sociais para garantir a superação das dificuldades de relacionamento com os outros do grupo social.

Dessa forma, os pacientes são diagnosticados apenas em graus de comprometimento, dessa forma o diagnóstico fica mais completo

2-Transtorno Autista ou Autismo Clássico – a criança tem atrasos linguísticos bem significativos, desafios sociais e de comunicação e comportamentos e interesses incomuns. Esse tipo podem ser também têm deficiência intelectual.

3-Transtornos invasivos do desenvolvimento- é quando a criança atende alguns dos critérios de transtorno autista ou síndrome de Asperger, mas não todos, com esse tipo de transtorno geralmente têm sintomas menores e mais leves do que aqueles com transtorno autista. Os sintomas podem causar apenas desafios sociais e de comunicação.

Atualmente o Transtorno do Espectro Autista é dividido em três graus e sua gravidade que são:

A) Nível 3 - exige apoio muito substancial:

Na comunicação social: possui déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal que causam prejuízos graves de funcionamento, limitação em iniciar interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Pode ter comportamentos repetitivos e restritos: possui inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restrito-repetitivos interfere acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Possui grande sofrimento e/ou dificuldade para mudar o foco ou as ações.

B) Nível 2 - exige apoio substancial:

Na comunicação social: possui déficit graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal ocasionando prejuízos sociais aparentes, mesmo na presença de apoio, possui limitação em dar início às interações sociais e suas respostas são reduzidas ou anormais as aberturas sociais que partem dos outros.

Nos comportamentos repetitivos e restritos: Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos e repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e

interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.

C) Nível 1- Exigindo apoio

Na Comunicação social: possuem ausência de apoio, déficits na comunicação social causando prejuízos notáveis. Apresentam dificuldade para iniciar interações sociais e de dar exemplos claros de respostas atípicas. São sem sucesso a aberturas sociais dos outros, além de aparentar pouco interesse por interações sociais.

Nos comportamentos repetitivos e restritos: Inflexibilidade de comportamento que causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Possuem dificuldades em trocar de atividades. Apresentam problemas para organização e planejamento que para eles são obstáculos à independência.

Porém, as causas do autismo ainda são desconhecidas, mas têm-se pesquisas na área cada vez mais intensa. Autores afirmam que há uma combinação de fatores que levam ao autismo, que a genética e agente externos desempenham um papel chave nas causas do transtorno. A Associação Médica Americana, aborda que as chances de uma criança desenvolver autismo por causa da herança genética são de 50%, sendo que a outra metade pode corresponder a fatores exógenos, como por exemplo, o ambiente de criação

Estudiosos afirmam que muitos genes parecem estar envolvidos nas causas do autismo, sendo que alguns tornam as crianças mais suscetíveis ao transtorno, outros afetam o desenvolvimento do cérebro e a comunicação entre os neurônios e outros determinam a gravidade dos sintomas. Segundo o Manual de Orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019, p.3):

O TEA é causado por uma combinação de fatores genéticos e fatores ambientais. Estudos comparando gêmeos idênticos e gêmeos fraternos mostram que a taxa de concordância do TEA é significativamente maior entre os primeiros do que entre os segundos, sugerindo um forte componente genético na etiologia do autismo^{12, 13}. De fato, há evidência de que a arquitetura genética do TEA envolve centenas ou milhares de genes, cujas variantes, herdadas ou de novo, e comuns ou raras na população, compreendem múltiplos modelos de herança. Apesar de claramente importantes, os fatores genéticos não atuam sozinhos, sendo sua ação influenciada ou catalisada por fatores de risco ambiental, incluindo, entre outros, a idade avançada dos pais no momento da concepção, a negligência extrema dos cuidados da criança, a exposição a certas medicações durante o período pré-natal, o nascimento prematuro e baixo peso ao nascer.

O autismo nos meninos é cinco vezes mais do que nas meninas, histórico familiar também interfere, famílias que já tenham tido algum integrante com autismo

correm riscos maiores de terem outras, posteriormente, com alguns problemas de saúde específicos que tendem a desenvolver autismo e quanto mais avançada a idade dos pais, mais chances da criança desenvolver autismo até os três anos. Segundo Gomes et al (2015, p.10): “O autismo é um tipo de transtorno global do desenvolvimento de maior relevância devido a sua elevada prevalência.

Dados epidemiológicos mundiais estimam que um a cada 88 nascidos vivos apresenta TEA, que acomete mais o sexo masculino. ” E temos a Fiocruz¹ (s/d) que afirma que “Acomete cerca de 20 entre cada 10 mil nascidos e é quatro vezes mais comum no sexo masculino do que no feminino.”

É importante que os pais conheçam os primeiros sinais de autismo que manifestam logo no primeiro ano de vida para que possa procurar um médico para realizar exames específicos. Os comportamentos da criança dão sinais de alerta quando: não responder com sorriso ou expressão de felicidade aos seis meses, não imitar sons ou expressões faciais com nove meses, não balbuciar e gesticular aos 12 meses, não dizer nenhuma palavra aos 16 meses, não dizer frases compostas de pelo menos duas palavras aos 2 anos e ter habilidades sociais e de comunicação em qualquer idade. Escobar (2019, p. 15) faz a seguinte abordagem:

Vários estudos mostram que o cérebro dos autistas tem alterações na sua morfologia e arquitetura celular, fazem com que ele funcione de uma forma diferente [...] pesquisas desenvolvidas com as células da Fada do Dente, por exemplo, mostrou que os neurônios de crianças autistas têm menos ramificações (fazem menos sinapses) que os de crianças não autistas; e que seus astrócitos (outro tipo de célula cerebral) produzem maiores quantidades de uma molécula inflamatória, chamada Inter leucina 6 — o que pode, também, estar influenciando a expressão do transtorno. Estudos recentes sugerem que o autismo possa ser uma doença autoimune, envolvendo processos inflamatórios no cérebro.

Sabe-se que não existe cura para autismo, porém, um programa de tratamento precoce, intensivo e apropriado melhora muito a perspectiva de crianças pequenas com o transtorno. A maioria dos programas aumenta os interesses da criança com uma programação altamente estruturada de atividades construtivas.

Os recursos visuais geralmente são úteis. E o principal objetivo do tratamento é possibilitar maximizar as habilidades sociais e comunicativas da criança visando à

¹ <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/autismo.htm>. Acesso em 13 de abril de 2020.

redução dos sintomas do autismo e do suporte ao desenvolvimento e aprendizado. Há, porém, várias terapias para autismo que inclui: terapias de comunicação e comportamento, medicamentos, terapia ocupacional, fisioterapia e terapia do discurso/linguagem.

Existem também diversos programas para tratar problemas sociais, de comunicação e de comportamento que estejam relacionados ao autismo. Alguns têm foco na redução de problemas comportamentais e na aprendizagem de novas habilidades, porém têm outros que procuram ensinar crianças como agir em determinadas situações sociais e como se comunicar propriamente. Dentre esses programas tem a Análise Aplicada do Comportamento, (ABA), sigla em inglês muito utilizado em crianças pequenas com algum distúrbio dentro do espectro do autismo.

A ABA não é um método, isto é, um roteiro de coisas a se fazer com o sujeito, e sim uma ciência, [...] um campo enorme de estudos, o qual permite que se conheça profundamente o comportamento humano, a ponto de poder mudá-lo para melhorar a qualidade de vida das pessoas. [...] para uma intervenção desta natureza, não é o diagnóstico o importante, e sim o sujeito. O que se deve avaliar é o repertório da pessoa, quais comportamentos estão em excesso e quais estão em déficits. (LACERDA, 2019, p, 2).

A ABA usa abordagem de aprendizado individual que contribui no reforço da prática de várias habilidades, cujo objetivo é fazer com que a criança se aproxime do funcionamento normal do desenvolvimento. Este programa é realizado na residência da criança sob a supervisão de um psicólogo comportamental.

2.2 DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

Sabe-se que, no Brasil, desde o período colonial foi que se passou a ter uma preocupação com a pessoa com deficiência, com vários acontecimentos históricos da educação brasileira, que possibilitaram a sua evolução e o seu desenvolvimento. Santos; Santos (2016, p.10) afirmam que:

É demonstrando o processo histórico da educação especial, a partir do pressuposto que essa preocupação com a educação da pessoa com deficiência teve início no período colonial, através dos tratamentos em clínicas Baianas no ano de 1874 e prolongaram-se até 1927 quando foi criado o Instituto Pestalozzi de Canoas, onde os indivíduos anormais (deficientes) eram tratados de forma segregativa e excludente. É apresentado como se deu o início das classes especiais no Brasil e as tendências metodológicas que acabaram dando base para a construção dessas classes.

Nos anos 90, tivemos grandes acontecimentos em prol da pessoa com deficiência. Dentre eles: Convenção sobre os Direitos da Criança (1988), a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990) e em 1994 elaboração documento denominado “Declaração de Salamanca” considerada um dos mais importantes documentos do mundo que visa à inclusão social, e tem como objetivo contribuir com diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social, resultado dos movimentos que surgiram a partir das décadas de 60 e 70 de direitos humanos e de desinstitucionalização manicomial que veio para consolidar a Educação Inclusiva.

Esta declaração é considerada inovadora porque ela é um documento que prima pela oportunidade única de se colocar a educação especial dentro da estrutura de criada em 1990 que é “educação para todos”, além de afirmar o princípio e também à discussão da prática que visa garantir a inclusão das pessoas com deficiências e seus lugares de direito de aprendizagem.

Vale ressaltar que a Declaração de Salamanca ampliou o conceito de deficiência, onde inclui todas as pessoas que não estejam conseguindo se beneficiar com a escola, por qualquer motivo, quer seja por deficiências permanentes, por dificuldades temporárias, crianças que sejam forçadas ao trabalho, as que vivem nas ruas, crianças que moram distantes das escolas, aquelas que vivem em condições de extrema pobreza, ou seja, desnutridas, além daquelas que estejam repetindo os anos escolares continuamente.

Vivemos, no entanto, numa sociedade pautada na ideia que todos falam, andam, ouvem e devem se comportar de uma mesma forma seguindo normas pré-estabelecidas. Quando encontramos alguém fora desse padrão tomamos um susto e tentamos, de alguma forma, encaixá-lo em alguma categoria ou fazer com que ele siga alguma norma, não nos é fácil lidar com o diferente. A nossa estranheza pode ser causada por um olhar somente para o que falta para as limitações logo identificadas como deficiência, olhar enraizado numa cultura e num histórico de exclusão como apresentado no início desse texto, um olhar para as limitações que cria inúmeras formas de aprisionamento do sujeito. Esquecemos que todos nós, com ou sem deficiência, temos nossas próprias dificuldades e estamos o tempo todo nos refazendo e criando ajustamentos criativos necessários à sobrevivência. (OLIVEIRA; PRESTRELO, 2018, p.11).

Ela enfoca também crianças que simplesmente estão fora da escola, que são vítimas de guerra ou conflitos armados, aquelas que sofrem de abusos físicos, emocionais e sexuais, ou, por qualquer outro motivo que seja. Na Declaração de

Salamanca uma das suas implicações educacionais é inclusão na educação, pois no documento diz o seguinte:

[...] o princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade [...] Dentro das escolas inclusivas, as crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber qualquer apoio extra que possam precisar, para que se lhes assegure uma educação efetiva [...]. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.7).

Portanto, a Declaração de Salamanca é um documento que influenciou no desenvolvimento de um novo olhar para a questão da inclusão, do pensar inclusivo e do processo de acessibilidade da pessoa com deficiência, visando à contextualização do trabalho inclusivo para que se possa alcançar uma educação de qualidade e formar uma sociedade brasileira mais inclusiva e menos preconceituosa.

2.3 EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 de 1996, assegura que a criança deficiente física, sensorial e mental pode e deve estudar em classes comuns. Em seu art. 58 afirma que a educação escolar deve situar-se na rede regular de ensino e determina a existência, quando necessário, de serviços de apoio especializado e prevê também recursos, como classes, escolas ou serviços especializados quando não for possível a integração nas classes comuns.

No seu art. 59 contempla a adequada organização do trabalho pedagógico que os sistemas de ensino devem assegurar a fim de atender as necessidades específicas, assim como professores preparados para o atendimento especializado ou para o ensino regular, capacitados para integrar os alunos com deficiências nas classes comuns.

Assim, ainda que o aluno com transtorno autista seja matriculado e frequente a escola regular, esse fato, por si só, não garante o seu desenvolvimento. É essencial que toda a comunidade escolar esteja envolvida no processo de inclusão, [...] um planejamento direcionado, que leve em conta as potencialidades e limites do aluno com autismo, permite ao professor promover uma aprendizagem significativa. (ARAÚJO, 2015, 3-4).

Assim, a Educação Especial Inclusiva é um processo incidente na realidade educacional, sendo de suma importância um estudo mais aprofundado acerca desta temática, pois todos os envolvidos no processo como: professores, cuidadores, alunos, pais, coordenadores, diretor e funcionários anseiam por ações efetivas para um trabalho de equipe que busque ações coletivas e que surta efeito.

Tivemos, em 2008, através do Ministério da Educação pela Secretaria de Educação Especial a criação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE), que veio para acompanhar as lutas sociais e os avanços do para constituir políticas públicas que promova uma educação de qualidade para todos os alunos. Este documento diz que:

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (p.14)

Sabemos que a Educação Especial Inclusiva tem toda uma complexidade, sendo necessárias mudanças para que uma verdadeira inclusão realmente ocorra. Daí a importância de se analisar a nossa realidade e ter ações efetivas. Portanto o documento PNEE enfatiza toda a trajetória da Educação Especial e traz proposta para a mesma e nos diz que:

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos. (PNEE, 2008, p.15).

A inclusão escolar enquanto paradigma educacional tem como objetivo atual a reformulação das propostas de formação continuada para os profissionais que atendem às crianças com deficiência e ou Transtornos Globais do Desenvolvimento

(TGD). Para isto é necessita de organização de momentos de estudos e reflexão das práticas pedagógicas instituídas. Sobre isso, Araújo (2015, p.4) aborda que:

[...] esse profissional é de extrema importância para prestar auxílio, tanto nas questões pedagógicas desses alunos, mas também suprir a necessidade de atenção individualizada, higiene pessoal e cuidados dependendo de cada caso. As crianças com autismo necessitam de orientação e apoio constantes para que possam participar de forma produtiva das brincadeiras e atividades em grupo.

Na reflexão dessas práxis, é que buscamos através deste estudo repensar as políticas de formação continuada junto aos professores das escolas da Rede Estadual de Cachoeiro de Itapemirim, e demais servidores da Superintendência Regional de Educação (SRE), à luz de marcos conceituais da educação inclusiva dentro das políticas educacionais do país e do próprio município.

Tudo isso, através de autores e estudiosos que trazem para este trabalho elucidações, estabelecendo um embasamento teórico para nossos estudos, na perspectiva de contribuir para a maneira significativa de pensar o fazer pedagógico com alunos autistas e seu desenvolvimento como sujeito histórico e cultural. Silva (2014), afirma que:

No ambiente escolar, todos os seus atores têm papel fundamental na consecução da educação inclusiva. Esta envolve a possibilidade e a concretização de significativas interações para todos, tornando possível construir uma escola em que as relações e práticas pedagógicas sejam menos discriminatórias e excludentes, em que as diferenças sejam entendidas como inerentes ao ser humano e como potencialidades para a aprendizagem de todos os envolvidos. (SILVA, 2014, p. 16),

Os estudos de Vygotsky (1987; 1998), serviu de suporte para definirmos o conhecimento, a partir da linguagem dentro de uma perspectiva sócio histórica, dialética e sócio interacionista da língua.

No que se refere à prática pedagógica que tem a necessidade de oportunizar a escola uma concretização do conhecimento experienciados pelos alunos, onde utilizaremos Nóvoa (2017) por nos apresentar uma discussão em torno da formação do professor e a sua prática de uma educação como liberdade, uma educação com autenticidade propondo condições e métodos para que se evite a exclusão. Ele afirma que:

A construção de um espaço público de cidadania, de democracia e de liberdade, depende, e muito da escola, acima de tudo da escola pública. Aqui, gera-se a consciência de uma responsabilidade e de uma partilha que não permite a captura privada de bens e espaços públicos. (NÓVOA, 2017, p. 2).

No que se refere à formação de professores de Educação Especial, travaremos o diálogo acerca da necessidade e importância do educador em ter a formação continuada com isso, os estudos de Alarcão, (2004), nos auxiliarão a pensar esta possibilidade da escola não ser lugar de aprendizagem somente dos alunos, mas também de aprendizagem para os professores.

Confirmando ao mesmo tempo a necessidade do olhar também para forma de organização da escola, buscaremos em Isabel Araújo (2015) a garantia de um desenvolvimento organizacional e autônomo da escola para que se efetive um processo que vai se constituindo na medida em que a própria escola se questione e aprenda a desenvolver-se coletivamente. Também nas abordagens de Frizzarini (2019), que aponta em suas pesquisas elementos que auxiliam em possibilidade de (re) significar os fazeres pedagógicos numa perspectiva inclusiva quando diz:

Por isso, temos apostado em uma perspectiva de trabalho que leve o atendimento educacional especializado a se aproximar do cotidiano da sala de aula comum para que as ações desses dois ambientes se tornem complementares um ao outro. Uma proposta de atendimento educacional especializado que encontrem na sala de aula comum pistas das intervenções a serem realizadas com os alunos. (VIEIRA, 2012, p. 29).

A contribuição de Nóvoa (2017) será na perspectiva de pensar os fazeres docentes, a identidade deste profissional, o professor, que precisa assumir o seu papel no processo de aquisição do conhecimento para compreender as dificuldades e pôr em prática as inovações pedagógicas propostas pela pesquisa.

Portanto, é importante repensar os espaços-tempos de formação numa proposta dialógica que favoreça a compreensão da educação especial no cotidiano da educação básica, como educação inclusiva, considerando que a aprendizagem é ser construída, quando potencializada, pois:

Na perspectiva do processo de inclusão, as políticas educacionais têm fundamento no princípio da igualdade de direito entre as pessoas, tem como objetivo uma educação de qualidade para todo, sem discriminação e respeitando acima de tudo as diferenças individuais e, dessa forma, garantindo não só o acesso a essa educação, mas também, à permanência desses indivíduos até a sua formação. (SANTOS; SANTOS, 2016, p.6).

Vale ressaltar de que são muito importantes estudos, discussões, reflexões acerca dessa temática, além de bases nos indícios do cotidiano e experiências já relatadas com vistas a uma sistematização de ideias na busca de elucidar sentidos e, assim, contribuir para a compreensão relativa ao atual momento da educação especial brasileira, na perspectiva da educação inclusiva no espaço do ensino regular, a partir de práticas, e ações de produção de conhecimento.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos as etapas metodológicas, justificamos o tipo de pesquisa realizada e seus respectivos resultados em relação “A Contribuição ao Processo de Ensino a Aprendizagem do Aluno Autista” onde buscamos uma aproximação e um entendimento da sua realidade. Segundo Pereira *et al* (2018, p. 28):

[...] conhecimento científico é a sua estruturação, pois consiste num saber ordenado, o qual é construído a partir de um conjunto de ideias. [...] determinada ideia deve ser verificada e comprovada sob a perspectiva da ciência para que possa fazer parte do conhecimento científico. [...] O trabalho científico deve seguir a ótica da ciência, a fim de investigarmos um tema importante da nossa pesquisa.

3.1 APRESENTAÇÃO DO LOCUS DA PESQUISA

O universo dessa pesquisa foi uma escola de Ensino Fundamental no município de Cachoeiro de Itapemirim I, vinculada à Rede Estadual de Educação do sul do Estado do Espírito Santo.

Ela contou com uma pesquisa de campo que envolveu o cotidiano escolar e as práticas das professoras, o que permitiu observar a utilização das estratégias de ensino utilizadas por essas profissionais no processo ensino e aprendizagem com os alunos autistas. Como discorre Praça (2015, p.73): “[...] pesquisa de campo: aquela baseada na coleta de fenômenos que ocorrem na realidade a ser pesquisada.”. Temos Tybel (2017, p.11) que também afirma que:

Atribui-se ao estudo de campo a tarefa de expor situações da vida real com certa razão. Já que serve para descrever situações da realidade onde está sendo feita a pesquisa. Por isso debate-se a confusão entre o tipo de dados levantamento. [...] estudar um grupo de pessoas e entender aspectos internos entre elas, então é estudo de campo. [...] tem um grupo definido de pessoas, vai aplicar o instrumento e realizar observações, enquadra em estudo de campo.

A referida escola funciona de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, com um total de 326 alunos em 2 (dois) turnos: matutino e vespertino, possuindo 12 (doze) turmas ao todo, sendo que no matutino tem 2 (duas) de 1º ano, 2 (duas) de 2º ano, 3 (três) de 3º ano,

No turno vespertino: 3 (três) turmas de 4º ano e 2 (duas) de 5º ano. Possui 38 (trinta e oito) funcionários sendo: diretora, coordenadores, pedagogo, professores regentes, de Artes, de Educação Física, de Ensino Religioso, de Atendimento Educacional Especializado (AEE), de Inglês, auxiliar de secretaria, vigias, cozinheiras e serventes.

Vale ressaltar que atuamos 2 (dois) anos na referida escola como professora do 1º ano, onde tivemos a oportunidade de atuar no ano de 2018 como professora de um dos alunos autistas que faz parte do grupo dos sujeitos desta pesquisa. Isso também foi um dos motivos que contribuiu para que fizesse a opção por esta escola.

Outro fator determinante, também, foi a questão geográfica, uma vez que a referida escola fica próxima da residência da pesquisadora e, além disso, tivemos a participação efetiva por parte do público alvo, os quais nos permitiram realizar o presente estudo. Iniciamos contatando, oficialmente, com a diretora para solicitar autorização (Anexo1) para realizar a pesquisa.

Todas essas situações geraram inquietações, sendo um grande desafio à prática docente, o que exigiu muitos estudos sobre autismo, busca de atividades que atendessem às especificidades dele.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram os 3 (três) alunos autistas que estudam no turno matutino de uma escola de Ensino Fundamental I da Rede Estadual de Ensino no município de Cachoeiro de Itapemirim-ES, seus professores e pais e/ou responsáveis. Sendo 2 (dois) meninos e 1 (uma) menina, que são respectivamente dos 3º e 4º anos. Sendo que um deles, como abordamos anteriormente, aluno da pesquisadora. Vale ressaltar que um dos meninos é gêmeo com a menina. Primando por cumprir as orientações éticas, eles foram identificados com as seguintes nomenclaturas: aluno A, aluno B e aluno C.

O aluno A é uma criança que apresenta grande déficit em sua habilidade de comunicação verbal, apresenta dificuldades de compreensão de linguagem abstrata, dificuldade para lidar com sequências complexas de instruções e demonstra dificuldade de interagir com crianças da mesma idade.

O aluno B não consegue fazer uma conexão com os trechos prévios, possui dificuldades de interagir com crianças da mesma idade e também apresenta

dificuldades de compreensão de linguagem abstrata, dificuldade para lidar com sequências complexas de instruções.

O aluno C demonstra possuir a inteligência verbal, com desempenho abaixo da idade, dificuldades de interagir com crianças da mesma idade e também apresenta dificuldades de compreensão de linguagem abstrata, dificuldade para lidar com sequências complexas de instruções, apresentando alterações de comportamento agressivos e autodestrutivos. Sobre esse aspecto:

Pessoas com transtorno do espectro autista são muitas vezes sujeitas ao estigma e à discriminação, incluindo menores oportunidades de acesso à saúde, educação e de se engajarem e participarem de suas comunidades [...]. As intervenções para as pessoas com TEA e outros problemas de desenvolvimento precisam ser acompanhadas por ações mais amplas, tornando seus ambientes físicos, sociais e atitudinais mais acessíveis, inclusivos e de apoio. (OPAS, 2017, p.3).

3.3 CAMINHOS DA PESQUISA

Inicialmente, partimos da pesquisa bibliográfica, com inúmeras leituras de teóricos sobre autismo e da Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, para aquisição de fundamentação teórica e para enriquecimento, construindo, assim, uma visão dessa temática. Segundo Santos (2019, p.10):

[...] a pesquisa bibliográfica como instrumento emancipatório [...] é a mola propulsora do método científico, essa modalidade de pesquisa fundamenta o aluno a pesquisar, conhecer a literatura já existente, formular novas propostas ou pressupostos sobre o assunto, além de comprovar ou refutar o pressuposto inicial.

Isso nos permitiu levantamento e sistematização de conceitos pertinentes à investigação na pesquisa. Esta foi uma pesquisa qualitativa onde nos preocupamos inicialmente com os processos, nos interessando pelo significado de como as pessoas relatavam suas vivências e experiências. De acordo com Santos *et al* (2018, p.14):

A pesquisa qualitativa é demarcada por um forte fator humanístico, interacional e empático. [...] Devido às características que constituem a pesquisa qualitativa, esta é alvo de constantes questionamentos com relação ao seu rigor científico. [...] dos estudos qualitativos envolvendo diferentes perspectivas, utilizada não só para aumentar a sua credibilidade, ao implicar a utilização de dois ou mais métodos, teorias, fontes de dados e pesquisadores, mas também possibilitar a apreensão do fenômeno sob

diferentes níveis, considerando, desta forma, a complexidade dos objetos de estudo.

A seguir, fomos para a pesquisa de campo numa escola, que foi escolhida devido ao conhecimento prévio da instituição por parte da pesquisadora, por já atuar na mesma como professora do 1º ano e ter tido em sua turma, em 2018, um aluno autista que é sujeito da pesquisa, durante o ano inteiro, sem acompanhamento de um profissional específico da Educação Especial como apoio.

Certamente, realizar pesquisa quantitativa não é um procedimento simples, mas a sensação de ser trabalhoso [...] Pesquisas quantitativas são indicada para responder a questionamentos que passam por conhecer o grau e a abrangência de determinados traços em uma população, esta também é uma forma de estar sensível aos problemas sociais. (STRIBEL; ORTIGÃO, 2016, p.14).

Assim, buscamos observar minuciosamente os alunos autistas através de um roteiro elaborado anteriormente (Apêndice A) para conhecer mais detalhadamente suas características durante os meses de setembro a dezembro de 2019. De acordo com Pereira et al (2018, p. 42):

Uma técnica bastante comum é a observação. Geralmente utilizada como uma parte importante no desenvolvimento da pesquisa, é organizada para registrar as informações obtidas durante a sua execução. A vantagem de usar a técnica é que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação.

Foram observados os seguintes pontos: como ficam em sala, se gostam de brincar, se eles têm sensibilidade a barulho, se há ou não acompanhamento de professores especializados e/ou cuidadores, se observou também as práticas das professoras regentes, as atividades propostas para eles, se há participação e interação com os colegas de sala e com os demais da escola. Durante as observações efetuamos anotações para análise dos dados coletados.

Foi possível perceber que os alunos demonstraram ser sensíveis a barulho, se conseguem brincar de forma correta com brinquedos pequenos, se têm outro profissional, além da professora regente. Assim, observamos que 1(um) dos alunos demonstrou ser sensível a barulho, 2 (dois) alunos conseguem brincar de forma correta com brinquedos pequenos, porém percebemos que nenhum deles tem outro profissional atuando com os mesmos, além da professora regente; mas todos os 3

(três) frequentam, no turno vespertino, a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). De acordo com o Manual de orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019, p. 14) o autista:

[...] não consegue trabalhar com barulho ao fundo; tem dificuldades em terminar tarefas se os rádios/TV estão ligados; tampa os ouvidos com as mãos; fica incomodado com luzes brilhantes; cobre os olhos para protegê-los da luz.

Essa pesquisa de campo possibilitou uma observação apurada, onde 2 (dois) dos alunos responderam quando são chamados pelo nome e 1 (um) aluno movimentos estranhos como, por exemplo, colocar os dedos perto do próprio rosto.

Tudo isso, possibilitou encontrar algumas respostas em relação às inquietações cotidianas durante a trajetória pessoal e a atuação profissional com um desses alunos no ano de 2018, em que a pesquisadora atuou como professora e sempre questionava: O que ensinar? Como ensinar? Quais recursos usar? A autora Barberini (2016, p.11) enfatiza que:

Portanto, as especificidades apresentadas pelas pessoas com diferentes características, como as síndromes, aliado ao desenvolvimento de uma prática pedagógica não específica, dificulta o trabalho de intervenção adequado para esses alunos, causando assim, insegurança dos professores ao trabalharem com estas crianças.

Vale ressaltar, que a observação foi um instrumento importante de coleta de dados, que nos deu condições de compreender uma parte da situação dos alunos autistas na sala de aula, tirando o máximo de conhecimentos possíveis dos aspectos coletados que foram registrados e analisados, possibilitando ir mais do que simplesmente registrar através da percepção visual. De acordo com Martins e Monteiro (2017, p.17):

A escolha de olhar para crianças autistas no contexto escolar, especificamente em situações que remetem ao aprendizado, justifica-se pelo fato de que é necessário compreender as relações produzidas nesse espaço, que ainda é novo no trabalho com o autista. O termo novo se relaciona à nova concepção de escola para esses alunos, caracterizada por espaços concretos de salas de aula, com uma rotina escolar organizada de forma similar à que é empregada para todas as crianças.

Percebeu-se que todos os alunos possuem laudo médico, em que o aluno A é autista leve, isto é, com Síndrome de Asperger, o aluno B, de acordo com o laudo

possui com Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, que é uma “fase intermediária”, isto é, nível médio e a aluna C, seu laudo é de Transtorno Autista com sintomas mais graves que os dois outros tipos de autismo. De acordo com os autores Oliveira; Santos; Florêncio (2019, p.15):

[...] o pesquisador deve tornar-se cada vez mais partícipe no processo e ter acesso às pessoas e ao campo. É necessário que a observação seja concentrada no que é mais essencial. As fases de observação participante são: observação descritiva, observação localizada e observação seletiva; [...].

Na sequência, no método quantitativo, foi aplicado o questionário (Apêndice B) aos professores com uma série de perguntas ordenadas, com questões fechadas e abertas com o intuito de certificar as situações envolvidas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos autistas.

O questionário é um instrumento de coleta de dados representado por uma série de perguntas ordenadas apresentadas de diversas formas (abertas, fechadas, múltipla escolha), que pode envolver ou não o encontro entre pesquisador e o respondente. (BERND; ANZILAGO, 2019, p.18).

As professoras responderam o questionário no horário de planejamento e com os pais e/ou responsáveis, ele foi entregue para o preenchimento em casa e tiveram um prazo para devolução, do mesmo, em até quinze dias, pois é muito importante a relação família e escola.

Fechando a coleta de dados, aplicamos questionários aos pais e/ou responsáveis dos 3 (três) alunos autistas (Apêndice C) através do qual coletamos fatos e opiniões em relação ao processo de ensino e aprendizagem de seus filhos. O que constituiu indicadores de variáveis que esclareceram dados enriquecedores na pesquisa, porque percebemos que a participação da família no processo de ensino e aprendizagem dos alunos autistas é necessária e de muita importância, pois promove uma interação maior com a criança, além de incentivar a prática de tudo que ela vivencia. Acreditamos na contribuição e participação da família na coleta de dados, pois sobre esse aspecto observa-se.

Entretanto, quando os pais participam ativamente da vida escolar dos seus filhos e se engajam, com interesse, no acompanhamento das atividades da criança, a tendência é de que os alunos se dediquem e se esforcem mais, além de se sentirem amados e apoiados. O pai que procura saber sobre a relação dos filhos com os professores, comportamento em sala de aula

desempenho e dificuldades nas matérias, normalmente está disposto a ajudar o professor nos desafios da sala de aula, adotando medidas complementares em casa. Isso, inevitavelmente, promove uma melhoria na performance do aluno. (GOMES, 2017, p.12).

Sendo feita análise dos dados coletados e articulando-os às ideias dos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Partindo dessa premissa

Pesquisas quantitativas e qualitativas não são polos opostos e antagônicos; são complementares e oferecem diferentes perspectivas. Uma possibilidade para compreender melhor é pensarmos em um modelo escalonado. [...] que as pesquisas apresentam apenas algumas impressões sobre o objeto analisado, sendo possíveis outros ângulos ou reflexões sobre outras camadas dos objetos. (STRIBEL; ORTIGÃO, 2016, p.16).

Os instrumentos observação e questionários, nesta pesquisa, foram de extrema importância, pois eles serviram de instrumentos básicos para o estudo e análise, o que oportunizou a obtenção de dados em profundidade e com fidedignidade. A coleta de dados nos permitiu um olhar sensível e significativo que está implícito nos dados interpretados, como também possibilitou a leitura dos sujeitos que foram os protagonistas/elementos desta pesquisa, considerando que observar e analisar são as atividades centrais deste tipo de pesquisa.

[...] a ciência e a tecnologia são as duas mais potentes forças para os indivíduos, para a sociedade e para as mudanças globais no mundo contemporâneo. [...]. Existem diversos métodos, e cabe ao pesquisador, dependendo do objeto e da natureza da pesquisa, selecionar o método de abordagem que entender mais adequado para a sua investigação científica. (PEREIRA ET AL, 2018, p.11-12).

As observações e os questionários contribuíram muito nas interlocuções com os sujeitos da pesquisa, onde obtivemos respostas precisas que serviram de indicadores explicativos do problema. Os materiais obtidos foram avaliados de forma qualitativa e possibilitaram identificar as principais dificuldades apresentadas para a inclusão dos autistas na escola pública de ensino regular, no contexto da instituição pesquisada. Sobre isso, dizem os autores Oliveira; Santos; Florêncio (2019, p.15) que:

Ao identificar as principais características das metodologias de investigação na área de educação [...], é importante refletir sobre o fazer científico nas ciências da educação, levando em consideração a preocupação ética e humanística nas abordagens e técnicas de investigação.

Vale ressaltar o que além de ter auxiliado nas análises, serviram de referencial para a elaboração do produto final que servirá de guia e orientações de ações para o professor com atividades aplicáveis com os alunos autistas, visando à melhoria do seu processo de aprendizagem, oportunizando a aquisição dos saberes e competências de forma que possam atribuir significados e construir conhecimentos, para uma educação verdadeiramente inclusiva.

Outras fontes de pesquisa foram livros, registros documentais e artigos científicos, além de sites relevantes na internet que possuíam matérias científicas e entrevistas, sobre autismo, que é o assunto em discussão nesta pesquisa, pois acreditamos que diferentes teorias, opiniões e visões, contribuíram no desenvolvimento desta dissertação.

Portanto, dando continuidade aos resultados da pesquisa fizemos uma avaliação no sentido de verificar a possibilidade de ampliação para a da elaboração do Produto Final que é composto de palestras para os pais sobre autismo, formação para os professores com fundamentação teórica e sugestões de práticas pedagógicas que promoverão ações de práticas inclusivas.

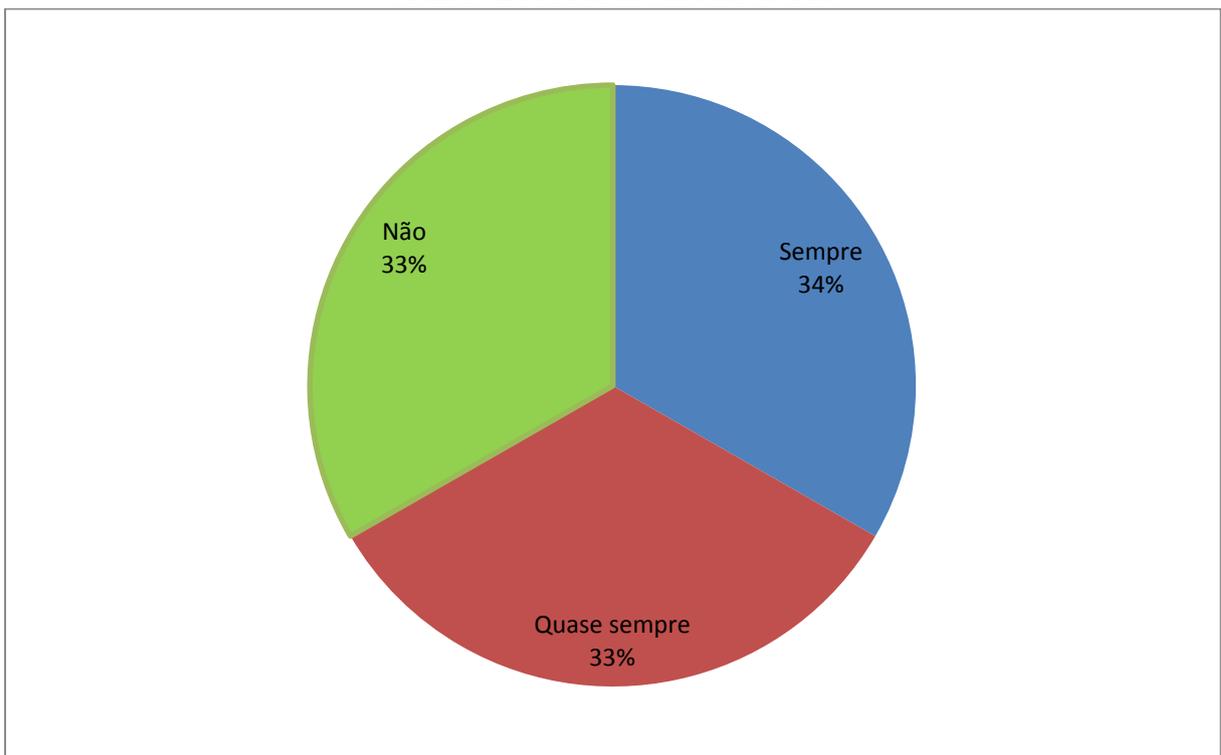
Esperamos que as ações desenvolvidas contribuam para consolidarem o trabalho de envolvimento da escola, atuando em parceria escola e família visando buscar o melhor para os alunos autistas e para o enriquecimento do trabalho pedagógico com os mesmos, compreendendo as possibilidades e limitações dos professores no trabalho de inclusão nas salas de aula de forma a nunca perder a esperança e contribuir para o efetivo desenvolvimento no seu processo ensino e aprendizagem.

4 RESULTADOS DISCUSSÕES

Os dados apresentados a seguir foram organizados com base nas observações realizadas com os 3 (três) alunos autistas participantes da pesquisa, o que possibilitou perceber que, em relação a ficar bem na sala de aula, um dos alunos sempre fica o outro quase sempre e o terceiro não fica. Isso nos mostra a necessidade de compreender os comportamentos do aluno autista para o auxílio à socialização com todos os demais alunos. Segundo Michel (2015):

[...] é preciso refletir sobre como podemos nos integrar ao mundo desta criança, fazer parte, olhar para ela e buscar contato para que ela te perceba e permita que possamos interagir e brincar. Esta criança pode se integrar com outras, mas para isso o mediador precisa estar disposto a lidar com seus comportamentos inadequados, podendo levar algum tempo até que ela se acomode ao grupo.

Gráfico 1: Ficar bem em sala de aula



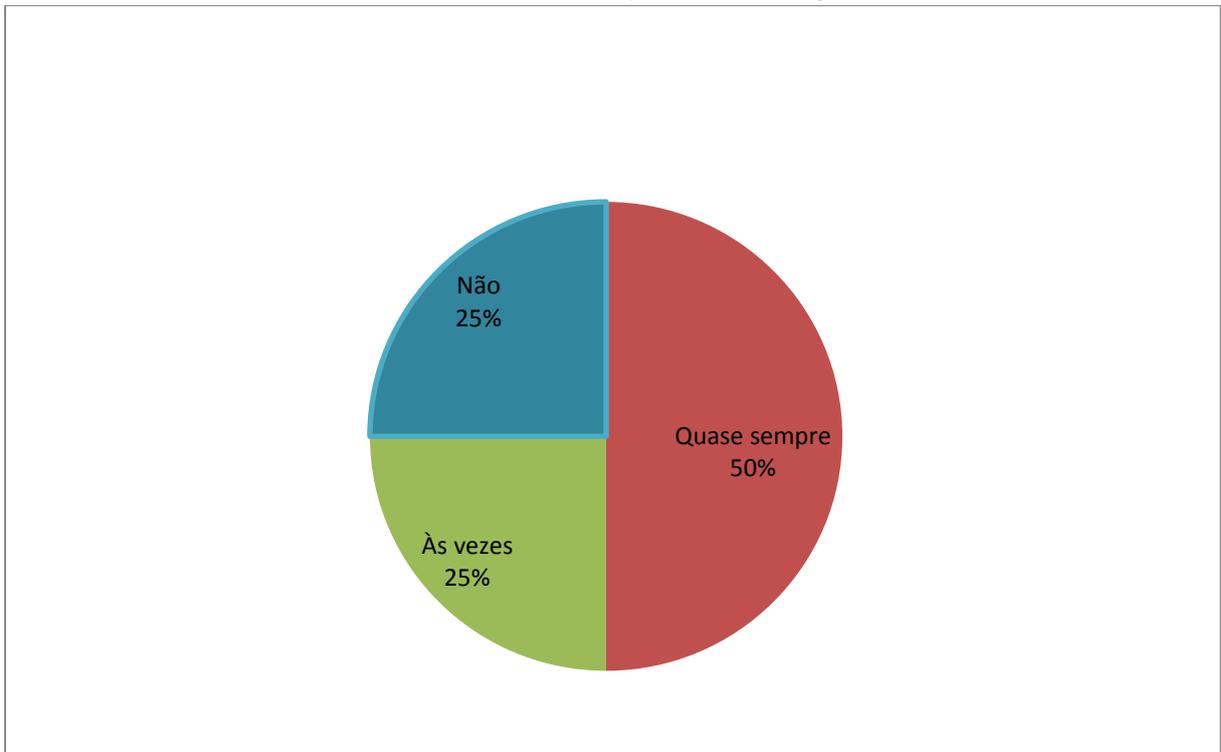
Fonte: Própria autora

Sobre o relacionamento por outras crianças, observamos que 2 (dois) dos alunos quase sempre, mas 1 (um) aluno não demonstrou não se relacionar, pois se percebe que há um relacionamento anormal das crianças autistas com pessoas e distúrbios no ritmo de aparecimentos de habilidades físicas, sociais e linguísticas, pois sabemos

que o autismo se caracteriza por déficits tanto na comunicação como nas interações sociais devido o comprometimento no comportamento e também pelas atividades restritas e repetitivas. A autora Martins; Monteiro (2017, p.13) afirma que:

É importante destacar o movimento da criança autista de dirigir-se ao outro, aspecto que destoa um pouco das classificações sobre as características do autista que evidenciam um comprometimento da interação social recíproca, ou seja, de focar a atenção ao outro.

Gráfico 2: Relaciona por outras crianças



Fonte: Própria autora

De acordo com Soares e Petry (2017, p. 2):

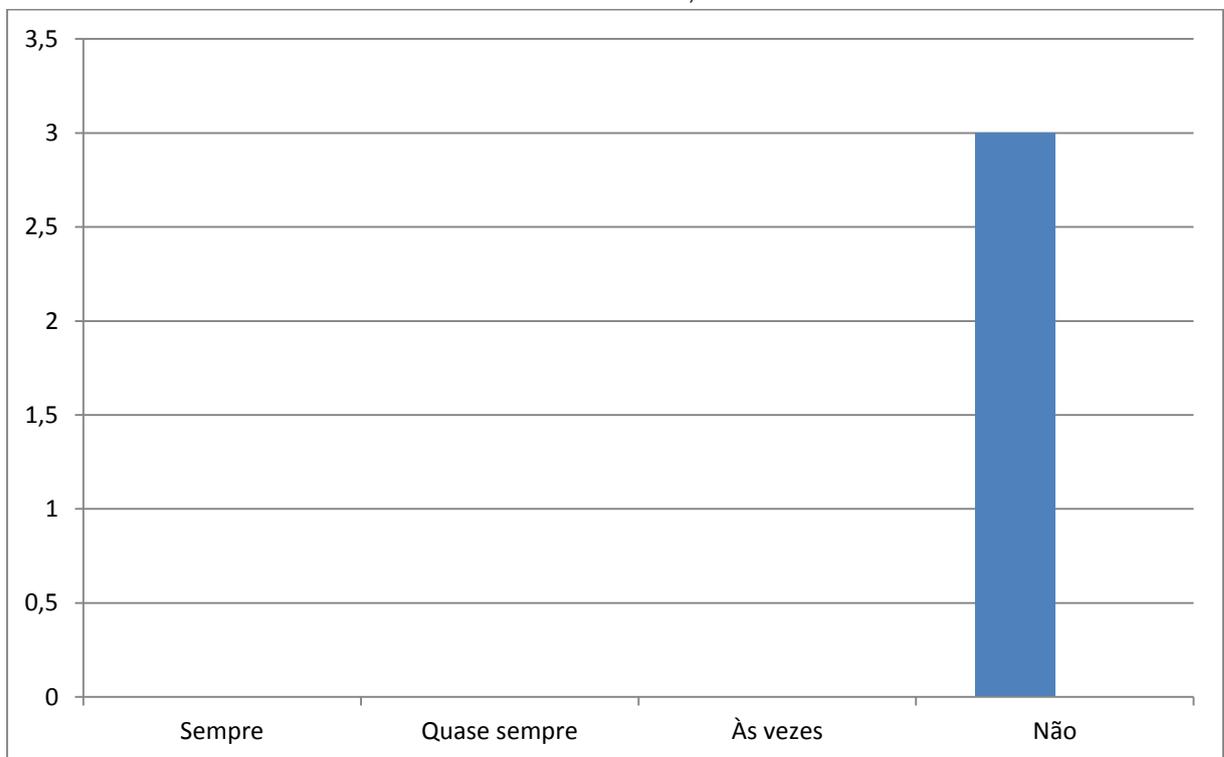
Como supracitado, há severos comprometimentos em fatores de socialização e, consequência disso, as capacidades de desenvolvimento adaptativo, social e comunicativo são fortemente dificultadas. O fato de ser possível perceber o transtorno precocemente comprova que as relações interpessoais e suas trocas são atingidas.

Ao observar se eles sobem escada, móveis e outros. Percebemos que nenhum dos 3 (três) alunos consegue. Sabemos que é importante a exploração dos espaços no processo ensino e aprendizagem, assim, é necessário criar possibilidades à humanização dos alunos autistas, para que seja um espaço de aprendizagem e

desenvolvimento, com vistas à superação das limitações biológicas por meio da compensação, desde que a sua dificuldade seja desnaturalizada e as limitações impostas pelo transtorno, possam buscar serem superadas e levem ao desenvolvimento. De acordo com o autor Brites (2015, p.3):

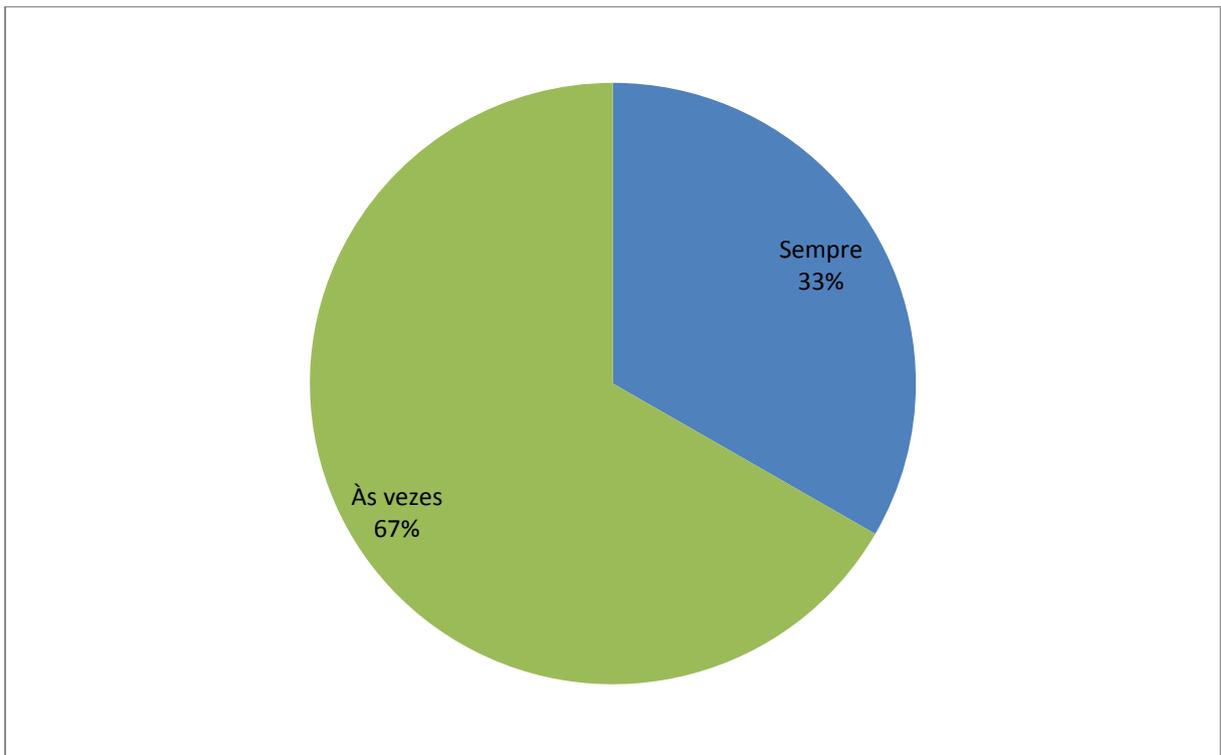
Uma pessoa com autismo tem outras maneiras de percepção sobre o ambiente ao qual ela está inserida. Isso significa o quão desafiador pode ser para esse indivíduo o fato de ter de lidar com o seu próprio cotidiano. Desde a mais tenra infância até a idade adulta, o autista precisa contar com a ajuda dos familiares e de especialistas para a melhora da qualidade de vida. Tudo ligado às intervenções orientadas pelos profissionais.

Gráfico 3: Se sobem escada, móveis e outros



Fonte: Própria autora

Em relação aos 3 (três) alunos gostarem de brincar, percebemos que um deles sempre gosta, mas os outros 2 (dois) não.

Gráfico 4: Gostar de brincar

Fonte: Própria autora

Silva *et al* (2012, p. 117) afirmam que:

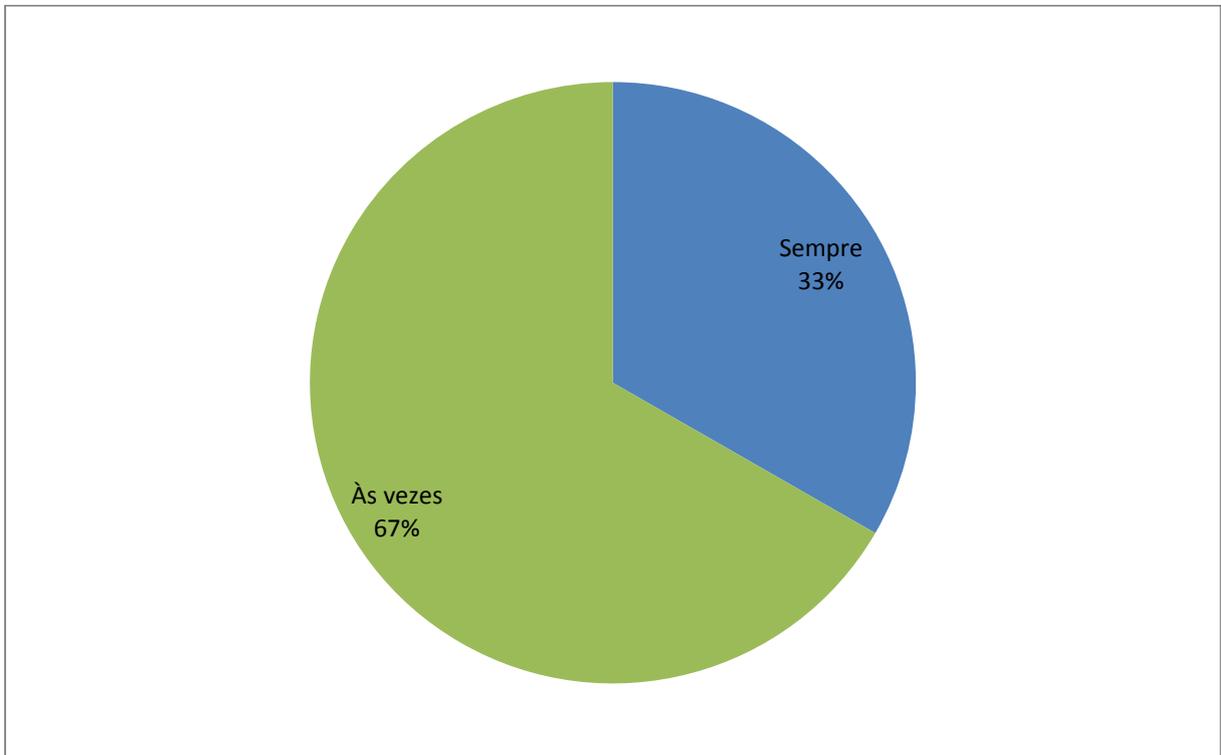
[...] procure saber quais são os maiores interesses do aluno com autismo e prepare materiais e atividades com esses temas. Isso fará com que ele se sinta mais estimulado a aprender, além de melhorar o vínculo entre o aluno e o professor. Sempre que possível utilize o máximo de material visual ou concreto, mostre figuras e gravuras no decorrer das explicações, e proporcione aos alunos vivências práticas, em que ele possa experimentar as coisas [...].

Portanto, é importante que alunos autistas tenham atividades lúdicas, pois são essenciais para o desenvolvimento de suas habilidades, porém, devem ser realizadas com muita cautela e empolgação, porque eles precisam se sentir estimulados, além disso, as brincadeiras devem desempenhar funções cruciais na vida deles, além de agir também no desenvolvimento das suas habilidades cognitivas, sensoriais, motoras, emocional e social.

Existe uma relação entre o educando com autismo e o lúdico que é uma ferramenta que o professor utiliza para a aprendizagem destas crianças. Essas atividades são necessárias para o desempenho sócio cognitivo, e no atendimento educacional especializado. Desenvolvimento e a aprendizagem das crianças autistas precisam de tempo e espaço para acontecer, porque sua realização não é fácil e nem imediata. (BLOG - FCE, 2018).

Observando se eles demonstram ser sensíveis a barulho, percebemos que 1(um) sempre demonstra e os outros 2 (dois) alunos só às vezes.

Gráfico 5: Sensibilidade a barulho



Fonte: Própria autora

Durante as observações, buscamos ver se eles conseguiam interagir com brinquedos pequenos, percebemos que 2 (dois) dos alunos sempre conseguiam e 1 (um) quase sempre conseguia. Martins e Góes (2013, p. 26) nos dizem que:

Na mesma linha, o DSM-IV (American Psychiatric Association, 1995) indica que, nos casos de autismo, em geral as brincadeiras imaginativas estão ausentes ou apresentam prejuízo acentuado. Além disso, as crianças tendem a não se envolver nos jogos de imitação e rotinas simples da infância, ou o fazem fora de contexto e de um modo mecânico. Estudos com sujeitos autistas tendem a reiterar a indicação de que eles não conseguem brincar com seus pares e fazer amigos, carecem de criatividade e iniciativa, apresentam habilidades sociais muito limitadas e, particularmente, fracassam no desenvolvimento da empatia. Nessa linha, costuma-se afirmar que as crianças autistas demonstram uma preferência por objetos e não por pessoas.

Vale salientar que uma das características das atividades para alunos autistas é a interatividade que deve haver com eles, objetivando estimular à comunicação, diversão e motivação com as pessoas que estão por perto, inclusive com quem

elabora as tarefas para permanecer na brincadeira de forma livre. As autoras Martins; Monteiro (2017, p.6) afirmam que:

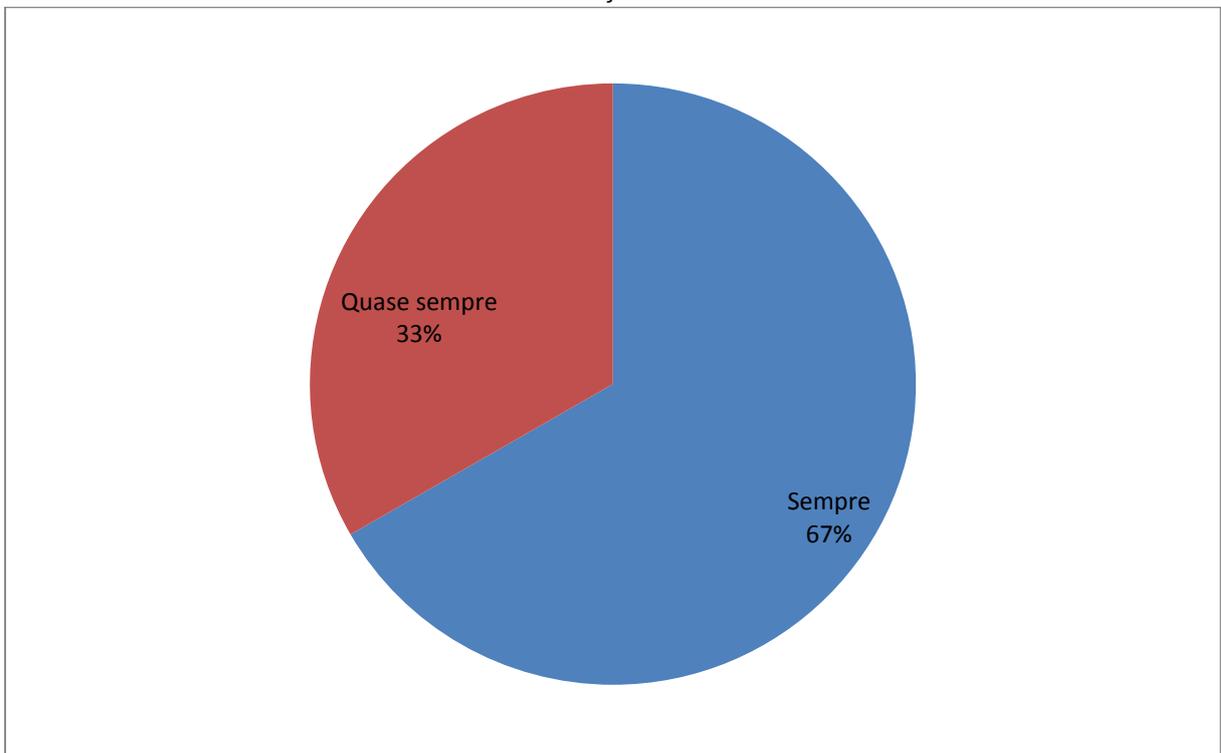
A escola tem um papel fundamental no processo de significação, pois se constitui como o espaço de construção de significados e elaboração de sentidos de uma determinada cultura e contexto social.

A criança quando ingressa na escola passa a interagir com aspectos distintos do que estava habituada na relação com a família, esse ingresso é marcado por demandas, expectativas e rituais relacionados a esse novo espaço. A escola tem uma função específica que é a de instruir, trabalhando o conhecimento historicamente produzido e possibilitando a participação da criança nesse processo histórico.

Portanto, a interação social com alunos autistas deve ser trabalhada sob uma visão multidisciplinar e não tratar somente um traço característico, mas outros que coexistem, pois Martins; Góes (2013, p.27) afirmam:

Na criança normal, o processo do brincar ocorre de forma natural, em que adultos e parceiros interagem com ela, que logo aprende a agir com objetos de forma lúdica e a compartilhar a atividade. Já nas crianças autistas esse processo não é tão simples, pode ser longo e trazer grandes frustrações a pais, familiares e educadores, que acabam desacreditando da viabilidade e importância dessa área tão propícia ao desenvolvimento.

Gráfico 6: Interação na brincadeira



Fonte: Própria autora

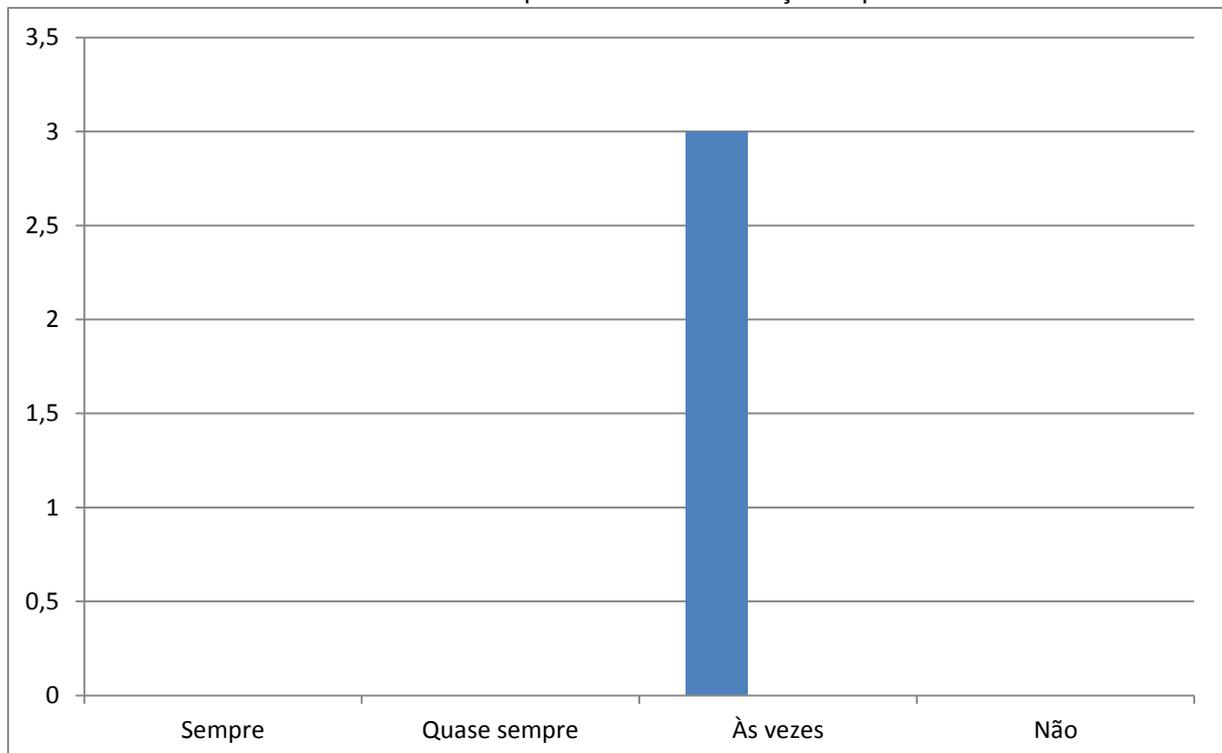
Observamos se os alunos não tinham um profissional de Educação Especial que ficava com eles além da professora regente. Temos a Lei 12.764 de 27/12/2012 que determinou nos seus artigos:

Artigo 1º, § 2º “A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais. ”

No parágrafo único do artigo 3º da mesma lei diz: “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.”

Porém nos dias atuais, exige-se que todos os ambientes devem trabalhar com a inclusão, principalmente nas escolas, pois nela os alunos são preparados para viver em sociedade. A inclusão é muito mais do que o fato de efetuar a matrícula do aluno autista, mas a lei exige preparação tanto do próprio professor quanto da escola, além de um profissional para acompanhar este aluno para o desenvolvimento de um trabalho diferenciado com ele, exigindo que o ambiente seja adaptado para uma educação verdadeiramente inclusiva.

Gráfico 7: Ter um profissional de Educação Especial



Fonte: Própria autora

Segundo Michel (2015, p.15):

Existem pontos fundamentais para a inclusão de uma criança autista na escola, para isso é fundamental que todos os envolvidos, família, amigos e escola, os tratem normalmente, tentando entendê-los na sua forma de ser, proporcionando tratamento em todas as áreas que precisem.

Assim, para que haja a verdadeira inclusão do aluno autista no ensino regular o papel do professor regente e do professor especializado é muito importante para o desenvolvimento de um bom trabalho, pois são os principais responsáveis e mediadores da aprendizagem dos mesmos para conseguir alcançar um bom resultado.

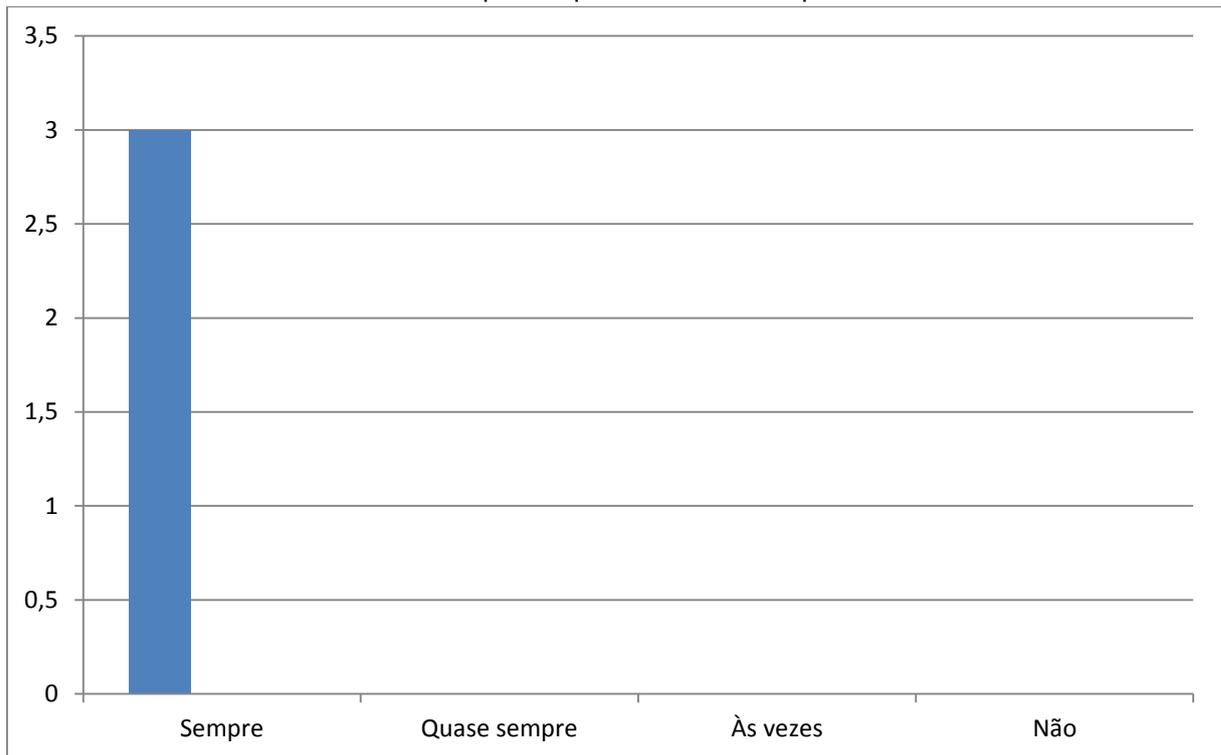
Buscamos observar se os alunos autistas respondiam quando chamados pelo nome, percebemos que todos os 3 (três) sempre respondem, mas sabemos que na maioria das vezes um dos sintomas mais comuns de crianças autistas é não responder ao ser chamado pelo nome, parecendo surda e quando é chamada pelo nome, ela não responde, mas enfrenta diversos desafios, especialmente quando se trata do processo ensino e aprendizagem. Porém, esses três alunos já frequentam a escola desde a creche e já aprenderam o próprio nome. Santos; Santos; Santana (2016, p.18) abordam que:

As escolas devem estar preparadas para que os alunos com autismo ou com alguma necessidade educativa especial se desenvolvam como cidadãos capazes de pensar, aprender, construir e tomar decisões. As crianças autistas podem frequentar escola regular, porém nelas ainda existem carências, surgindo assim à necessidade de se procurar outra instituição que ofereça ensino especial.

Percebe-se que os alunos não têm praticamente alguém profissional da Educação Especial com eles, porém temos a Lei 12.764 de 27/12/2012 que os protege, pois no artigo 1º, § 2º diz:

A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais. No parágrafo único do artigo 3º da mesma lei diz: “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado.

Buscamos observar se os alunos autistas respondem quando são chamados pelo nome, percebemos que todos os 3 (três) sempre respondem.

Gráfico 8: Responde quando é chamado pelo nome

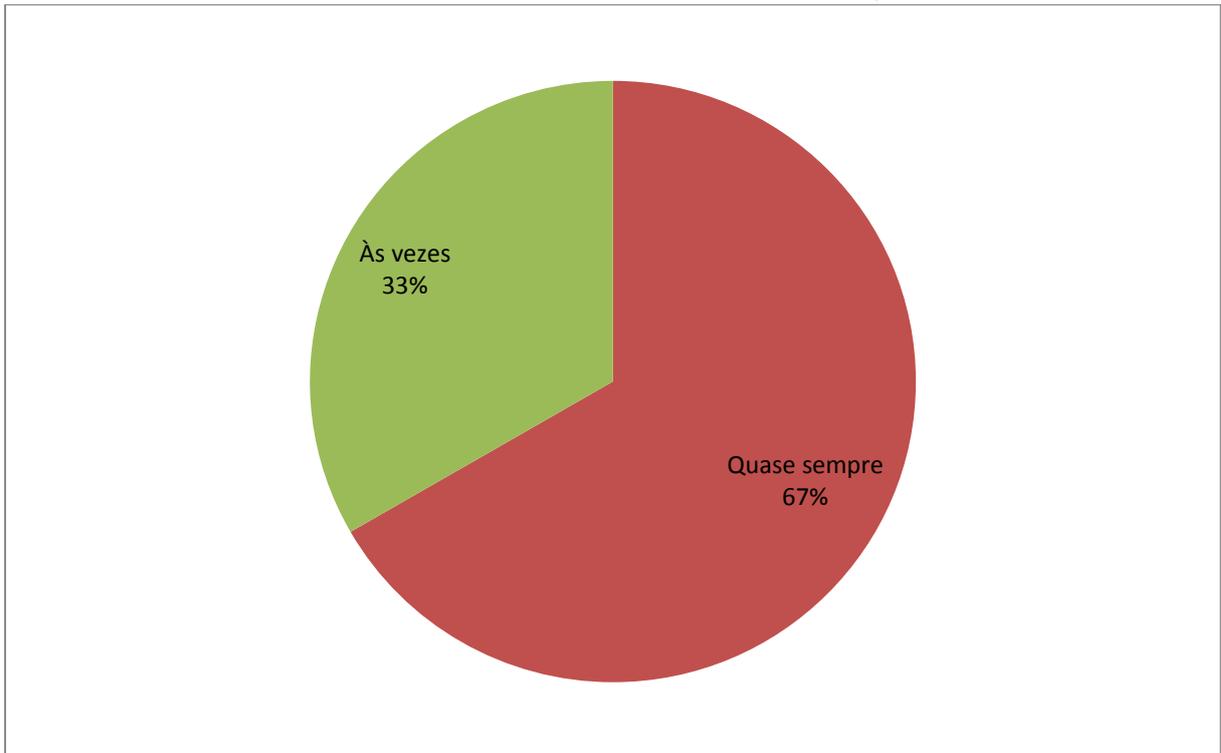
Fonte: Própria autora

A autora Barberini (2016, p.11) faz a seguinte abordagem:

Para um trabalho adequado, o professor precisa sempre buscar e manter contato visual com o aluno com autismo, estimulando a comunicação, mediando brincadeiras entre os alunos, utilizando uma linguagem simples e clara, bem como usufruindo de recursos como computadores, músicas e livros, observando o interesse da criança. Esses recursos facilitam a aprendizagem.

No decorrer das observações, percebemos também que em relação a movimentos estranhos com os dedos perto do rosto, percebemos que 2 (dois) alunos quase sempre realizavam os movimentos e 1(um) às vezes realizava. Sabemos que a criança autista tem sua gestualidade e os movimentos pouco adaptados, bem como a postura, que são movimentos estereotipados chamados de movimentos autísticos, pois são movimentos que não se dirigem a ninguém. As autoras Barros; Fontes (2016, p.14) fazem a seguinte colocação:

Em relação à matriz gesto-fala da linguagem, o gesto é constituído por imagem visual e mimética e a fala é composta por palavras codificadas. Desse modo, as produções vocais e as gestuais são formadas por processos distintos e independentes. Os gestos são quaisquer movimentos de uma ou mais partes do corpo, que são realizados pelo sujeito no espaço das interações conversacionais.

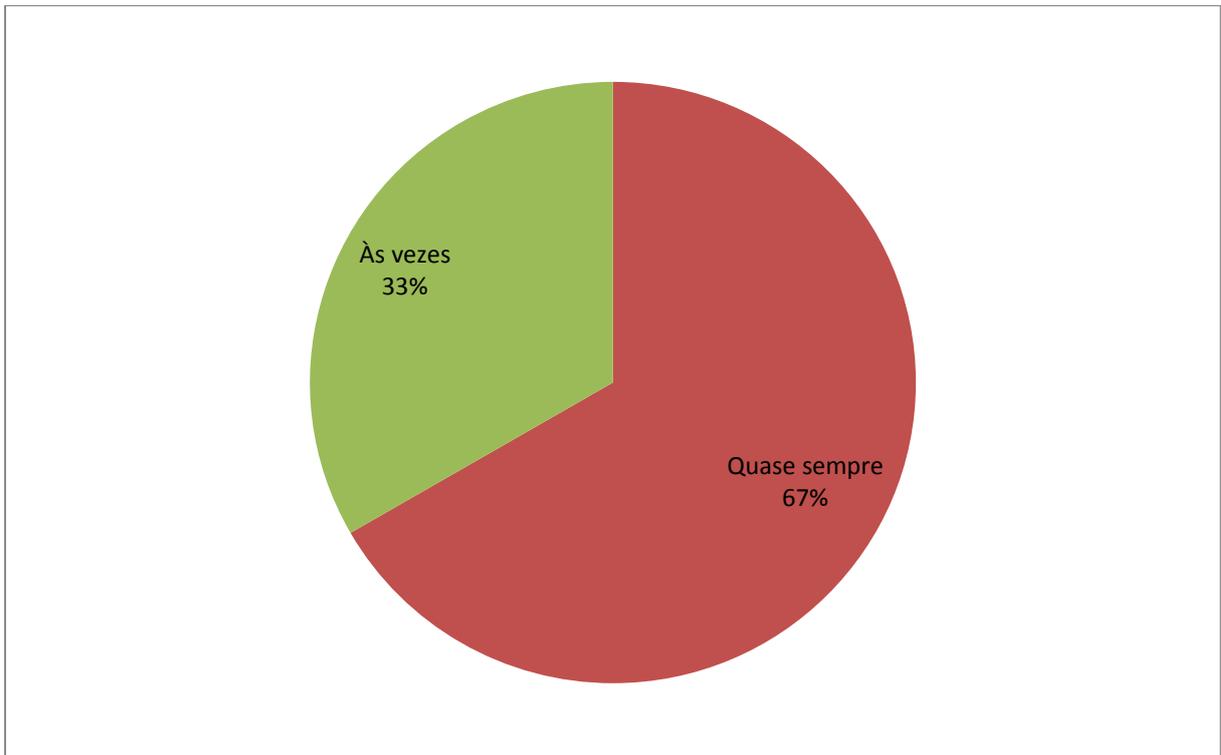
Gráfico 9: Executa movimentos estranhos com os dedos perto do rosto

Fonte: Própria autora

Sabemos que o aluno autista apresenta dificuldades para se comunicar e para interagir socialmente, assim, estas contribuem muito para que a língua falada por ele seja afetada e, com isso, a aprendizagem da leitura e escrita acaba ficando muito comprometida. Neste contexto, Gomes (2015, p.17) menciona que:

Pessoas com autismo que falam apresentam mais chances de aprender a ler do que crianças com autismo que não falam. A ausência da fala costuma estar relacionada a atraso significativo no desenvolvimento e a maiores déficits cognitivo. Apesar de ter acompanhado em minha trajetória profissional algumas pessoas com autismo que não falavam e que apresentavam habilidades de leitura, na maioria dos casos, a aprendizagem de leitura por essas pessoas é limitada, restringindo-se à aprendizagem de habilidades iniciais e rudimentares. Apesar dessas dificuldades, algumas pessoas não falantes com autismo demonstram grande interesse por palavras escritas; nesse caso, deve-se considerar a possibilidade de ensinar a esses educandos algumas relações entre palavras escritas e figuras do cotidiano, referentes a itens de interesse do aprendiz. Para uma pessoa que não fala, aprender a identificar algumas palavras escritas em seu cotidiano pode melhorar.

Em relação aos alunos autistas fazerem tarefas escritas, percebemos que 2 (dois) alunos quase sempre fazem e 1 (um) às vezes faz.

Gráfico 10: Faz Tarefas Escritas

Fonte: Própria autora

Foi aplicado um questionário com 10 perguntas abertas para as duas professoras dos 3 (três) alunos autistas sendo que a Professora A tem 2(dois) alunos (as) e a Professora B possui 1 (um) aluno, e os resultados estão apresentados a seguir.

Em relação ao sexo, ambas são do sexo feminino, possuem tempo de serviço diferenciado, a Professora A, que possui 10 (dez) anos e a Professora B possui 23 (vinte e três) anos de magistério. As suas idades são muito próximas, pois uma tem 33 anos e a outra professora possui 39 anos.

Elas têm uma média de 25 alunos na turma/série, porém a Professora A possui 1 (aluno) autista e a Professora B possui 2 (dois) que são irmãos gêmeos. Ao saberem que teriam aluno autista nas suas turmas, elas fizeram as seguintes abordagens: A professora A: “Foi tranquilo, pois pensei que ele teria professor de apoio” e a Professora B: “Tranquilo”. Segundo Silva *et al* (2012, p.114): “[...] o professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área, com amor e dedicação e paciência poderá ganhar a confiança eterna de uma criança autista.”

Em relação a terem apoio de outros profissionais para atuar com os alunos autistas, a Professora A disse: “Sim, da professora que atua na Sala Multifuncional” e a Professora B: “Sim, com a professora que atua na sala de AEE com quem troco experiências.” As autoras Frizzarini; Carginin (2019, p.101) afirmam que:

[...] o professor do AEE tem como função realizar esse atendimento de forma complementar ou suplementar à escolarização, considerando as habilidades e as necessidades específicas dos alunos, público alvo da educação especial. Na inexistência deste professor especialista e até mesmo da inexistência das SRM, quem fica encarregado dessas funções e criação de dispositivos didáticos são os próprios professores regentes da turma que devem atender uma demanda de alunos com necessidades especiais e que vem crescendo a cada ano.

Ao serem questionadas sobre como a família pode ajudar a escola, a Professora A disse que “Levando ao médico quando a escola solicitar, além de dar o remédio quando prescrito e acompanhando ele na escola.” E a Professora B colocou que: “Buscando apoio com a equipe multidisciplinar, dar a devida medicação e participando do processo.”

Na pergunta sobre quais são suas maiores dificuldades, a Professora A respondeu que é: “Falta de apoio pedagógico, mesmo planejando atividades diversificadas não tinha recursos para o aluno.” E a Professora B disse: “Falta de apoio pedagógico, recursos concretos e participação da família que vê a criança como incapaz.”

Elas tiveram a seguinte pergunta: O que é ser professora de aluno autista? A Professora A respondeu: “É um desafio, pois temos vários alunos na sala, cada um com uma dificuldade e sem apoio pedagógico e familiar fica muito difícil.” A Professora B disse: “É ser um orientador para a vida, é guiá-lo e mostrá-lo que ele é capaz.”

Isso nos levou a uma análise entre a teoria e a prática no cotidiano escolar, com alunos autistas numa sala de aula, onde as professoras têm que atender toda a turma com suas diversidades como dificuldades de aprendizagem, alunos com deficiências, como também a diversidade comportamental e as mesmas abordam “[...] sem apoio pedagógico e familiar fica muito difícil.” Perante essas circunstâncias, nas palavras de Nascimento e Andrade (2016, p.16):

Desse modo, a inclusão é um grande desafio para a escola provocando certa preocupação, principalmente junto aos profissionais da educação, com destaque para os docentes. Assim novas demandas se apresentam e a

equipe escolar deve estar preparada para atender a todos os sujeitos com respeito e dignidade.

A pergunta seguinte foi “o que você acha que deve ser feito para contribuir para melhorar o trabalho em sala de aula com aluno autista?” A professora A respondeu que: “Apoio Pedagógico, professor de apoio para o aluno autista e retorno familiar.” A Professora B respondeu: “É necessário uma sensibilização com a turma para compreender melhor e considero indispensável o acompanhamento de um professor em sala.” Costa; Barros; Dantas e Coutinho (2017, p. 2017) afirmam que:

Atualmente a educação inclusiva tem sido um grande desafio para os profissionais da educação devido os alunos autistas que são matriculados na escola, o docente não tem conhecimento das estratégias como trabalhar com este discente no ambiente escolar, estando despreparados para realização de atividades com estes discentes.

Percebemos que apesar do processo de inclusão das Pessoas com Deficiência nas salas de aula regulares está apresentando ascendência, com estudos, discussões dos movimentos visando assegurar os elementos necessários para a consolidação da inclusão, fica vidente que temos ainda muitos desafios que vão desde necessidade de conhecer as diferentes interfaces do processo de inclusão à atuação dos professores em sala de aula, pois hoje a presença do aluno autista é uma constante, visto que, eles estão cada vez mais presentes no ensino regular e a necessidade de preparação da sociedade para assumir seus papéis para uma verdadeira inclusão.

Em face disso, nota-se que uma escola construída numa concepção inclusiva trabalha baseando-se na defesa de princípios e valores éticos numa perspectiva da cooperação/solidariedade, respeito às diferenças. Assim necessitamos de forma urgente que a escola se prepare no que concerne aos elementos necessários à inclusão das PCDs, não apenas no contexto pedagógico, mas junto a todos os segmentos que atuam no cenário escolar. (NASCIMENTO; ANDRADE, 2016, p.22).

Prosseguindo, foi feita a pergunta: Quais têm sido seus maiores desafios? A Professora A disse: “Dar conta de alunos em vários níveis silábicos, mais alunos autistas sem professor de apoio e apoio pedagógico.” A professora B disse que: “Conciliar o tempo de atendimento aos alunos que estão no nível esperado para a série/ano, com os alunos que não alcançaram este nível e atender com qualidade os alunos autistas.” De acordo com Gurgel e Santos (2015, p.116):

Possibilitar um ensino inclusivo é garantir a qualquer ser humano os direitos legais, sociais e políticos que versam a constituição brasileira. Para tanto, faz-se necessário refletirmos sobre a atuação docente frente a essa questão, como meio de conhecermos como se dá o trabalho desenvolvido na escola numa perspectiva inclusiva. A prática pedagógica do educador é um elemento vital na concretização de ações.

Partindo dessa premissa, é necessário reconhecer as principais características dos alunos autistas, bem como as adaptações curriculares necessárias ao seu processo de ensino e aprendizagem, buscando ampliar os conhecimentos acerca do fenômeno da educação inclusiva, entendendo verdadeiramente o conceito e fazendo valer as políticas públicas já implementadas. Partindo dessas circunstâncias. Araújo (2015, p.4) faz a seguinte abordagem:

Convém enfatizar que o profissional de apoio ao professor, ou acompanhante especializado, torna-se imprescindível nesse processo de inclusão, principalmente nos casos de crianças e adolescentes com maiores dificuldades de socialização, linguagem e comportamentos repetitivos.

Finalizando, foi dada a oportunidade as elas de colocarem o que mais gostariam de acrescentar: A Professora B fez a seguinte abordagem:

A inclusão é fato em nossa realidade e não podemos permitir o retrocesso; as unidades administrativas (MEC, SEDU e Escolas) precisam compreender a dificuldade e limitações do regente de classe em uma sala regular com diferentes níveis de aprendizagem e ainda ter que garantir o desenvolvimento cognitivo do seu aluno com deficiência.

Grifo o verbo TER, porque considero esta uma obrigação e não podemos aceitar que estes alunos sejam “jogados” na sala, com o subterfúgio de “eles estão ali para socializar”. Em pleno século XXI, esta é uma justificativa retrógrada que vem carregada de preconceito.

O aluno com deficiência tem condições de evoluir cognitivamente sim, é só analisar de forma individual seu progresso e potencializar suas mínimas conquistas e avanços, motivando-os para avançar cada vez mais.

Esta motivação é fundamental junto à família do educando, para que perceba que a sua criança é capaz de evoluir e possa fomentar o trabalho realizado de sua professora.

A Professora A abordou que: “Inclusão é de todos e não somente do professor regente que nem tem professor de apoio, o aluno é da escola e todos são responsáveis por ele.” Frizzarini; Cargnin (2019, p.101) abordam que:

O processo de inclusão nas escolas requer um novo trabalho ao professor da turma e uma nova especialização, para que aluno tenha as condições específicas de realizar determinadas tarefas fundamentadas nas suas habilidades e competências.

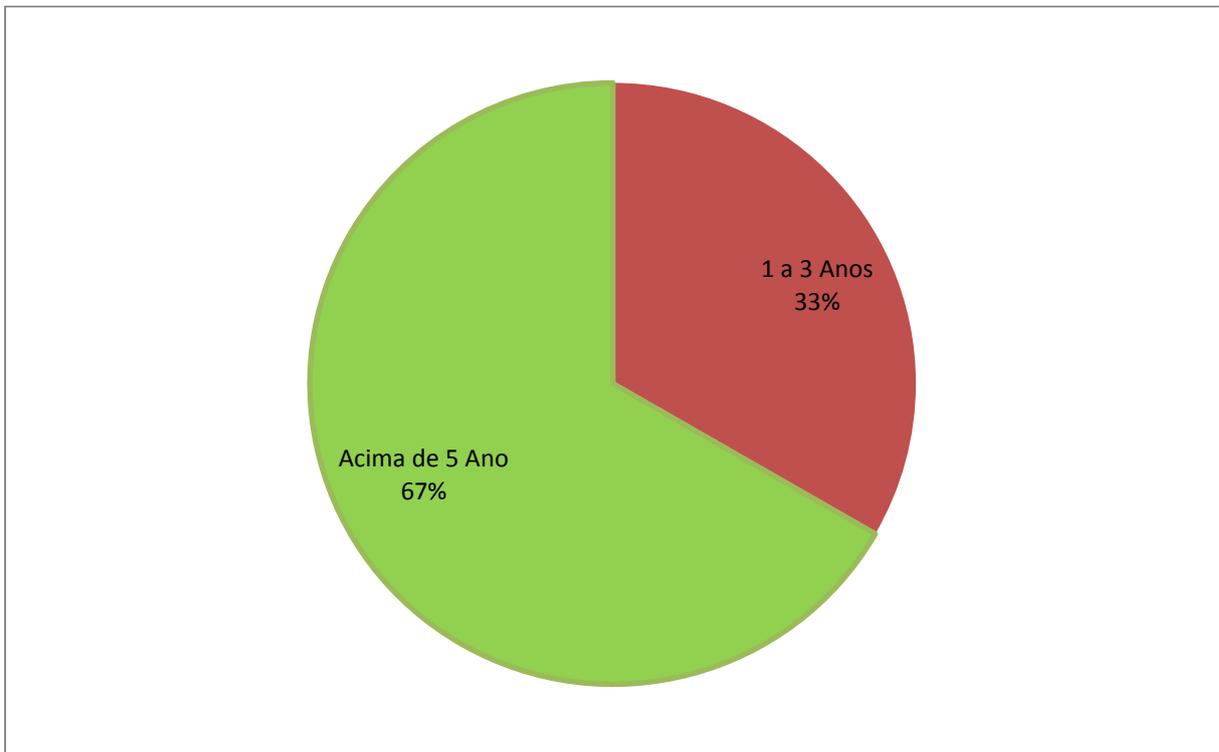
Partindo desse pressuposto, é necessário que no sistema educacional os alunos autistas não aprendem da mesma maneira, e nem por meio dos mesmos conteúdos, recursos, estratégias e ao mesmo tempo. Com isso, a escola não pode se organizar em função apenas de um aluno. Daí a importância do sistema de ensino dar condições às professoras regentes de desenvolverem um trabalho que realmente atenda a diversidade de alunos que têm.

Para que possa atender as diversidades propostas pela sociedade, a instituição de ensino necessita planejar o seu trabalho com o intuito de saber quem são seus alunos, o que sabem, o que não conhecem, suas limitações, para que assim, venha viabilizar o processo de construção do conhecimento de forma dinâmica e interativa. (GURGEL; SANTOS, 2015, p.116).

Tivemos também, nesta pesquisa, a participação dos pais e/ou responsáveis que responderam o questionário sobre seus filhos, que são os 3(três) alunos da pesquisa, o que nos oportunizou fazer as seguintes análises:

Em relação à faixa de idade em que eles descobriram que seus filhos eram autistas, tivemos dos 3 (três) alunos, 1 (um) foi descoberto entre 1 a 3 anos e dois foram descobertos na idade acima de 5 anos.

Gráfico 11: Descobriram Filhos Autistas



Fonte: Própria autora

Percebemos que os pais e/ou responsáveis suspeitaram de sinais nos filhos. De acordo com a linha de pensamento de alguns autores, dentre eles Tenório e Pinheiro (2019, p.04): “Algumas crianças com autismo parecem comuns antes de um ou dois anos, mas de repente "regridem" e perdem as habilidades linguísticas ou sociais que adquiriram anteriormente. Esse tipo de autismo é chamado de autismo regressivo.” Sobre a situação dos pais, as autoras Fadda e Cury (2016, p.14) abordam:

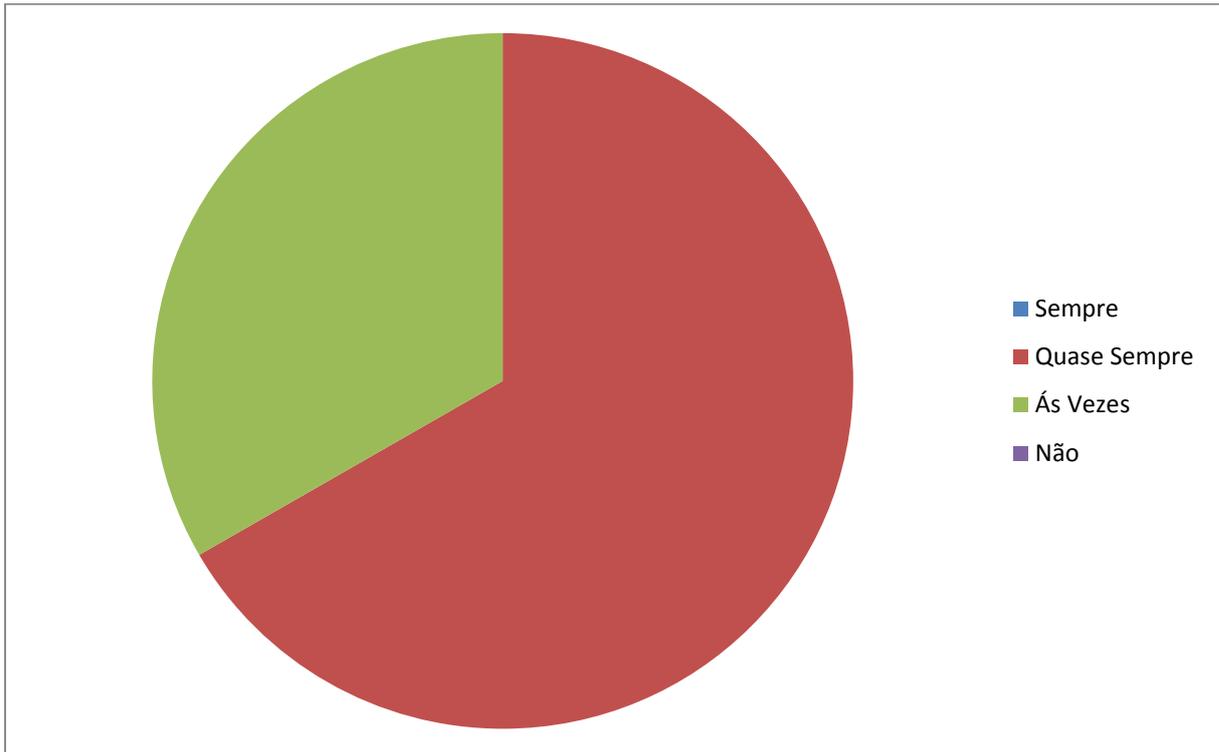
O segundo elemento significativo foi emergindo a partir da percepção da vulnerabilidade do filho ao longo da vida. Em face dessa constatação, um pai dizia temer o futuro, pois previa a total dependência da criança em relação a quem cuidaria dela, enquanto as mães tentavam compensar, no presente, algo que entendiam que o autismo havia subtraído dos filhos. Se faltava aos filhos coordenação motora nas atividades diárias, elas se convertiam em mãos. Se faltavam palavras para se expressarem, elas viravam intérpretes. Se faltavam olhos para pressentirem o perigo, elas se antecipavam aos obstáculos. Se faltava defesa frente aos insultos do mundo, elas se transformavam em escudos. Se faltavam amigos para brincar, elas os acumulavam dos brinquedos que solicitavam.

Percebemos que não é fácil para os pais descobrirem que os filhos eram autistas e saberem que é um transtorno, uma desordem global que causa reações como o não desenvolvimento normal da inteligência da criança, o que acaba resultando na dificuldade do desenvolvimento das relações sociais normais, além de comportamentos compulsivos e ritualísticos.

Embora algumas pessoas podem ter inteligência, fala intacta e outras podem possuir sérios problemas de retardos em seu desenvolvimento da linguagem e/ou interações. De acordo com Mateus (2015, p.52):

A intervenção comportamental pode ajudar a melhorar as capacidades das pessoas com autismo como também auxiliá-las em campos mais complexos como a linguagem, a autonomia e as habilidades sociais para que consigam progressivamente agir adequadamente tanto na escola como em casa.

Na questão se os filhos (as) são sensíveis a barulho, tivemos uma das mães que marcou que 1 (um) aluno é considerado sensível às vezes e 2 (dois) alunos foram assinalados quase sempre.

Gráfico 12: Sensibilidade à Barulho

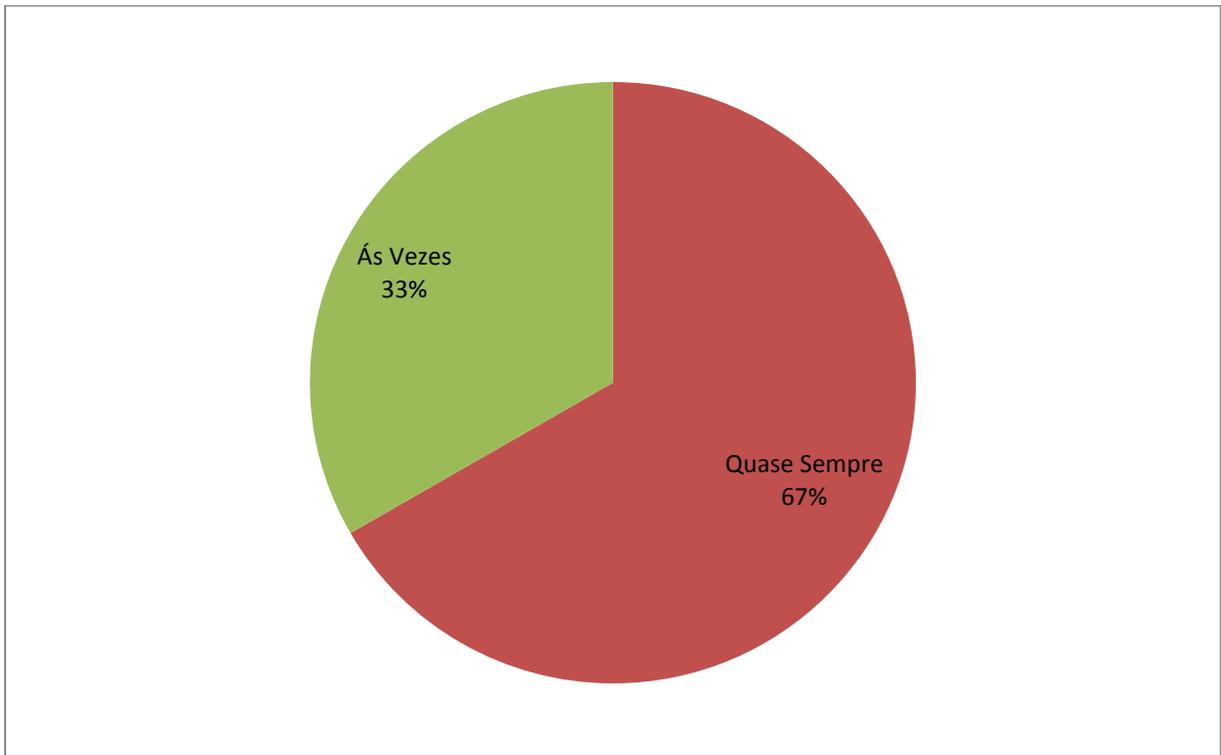
Fonte: Própria autora

Percebemos que os alunos autistas ignoram ou reagem exageradamente a imagens, sons, cheiros ou outras sensações comuns. Segundo Posar; Visconti (2018, p.14):

As experiências sensoriais em indivíduos com TEA são relatadas como angústia/ansiedade, bem como fonte de fascínio/interesse. Por outro lado, angústia / ansiedade podem gerar reações com intensa agitação e agressão dirigida a outros ou a si mesmo [...]

Por um motivo ou outro, o impacto das alterações sensoriais das crianças com TEA sobre suas vidas diárias é considerável e provavelmente subestimado, devido às suas dificuldades de comunicação, então elas sempre devem ser especificamente investigadas.

Na pergunta se o filho (a) tem relacionamento com outras crianças, os pais assinalaram que 1 (um) aluno quase sempre demonstra e 2 (dois) às vezes. Portanto, na visão dos pais, tivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 13: Relacionamento com outras crianças

Fonte: Própria autora

Sabe-se que dois dos alunos autistas são gêmeos, porém autores afirmam que a interação social dos autistas é prejudicada e deficitária em virtude do atraso de linguagem, dificuldades para usar formas de comunicação e de perceber sentimentos, gestos e faces das pessoas. Santos; Santos; Santana (2016, p.11) afirmam que:

Os autistas têm dificuldades de comunicação e interação social, normalmente são agitados, não gostam de sair da rotina. Não conseguem olhar nos olhos de outras pessoas e demoram a começar a falar, isso quando falam.

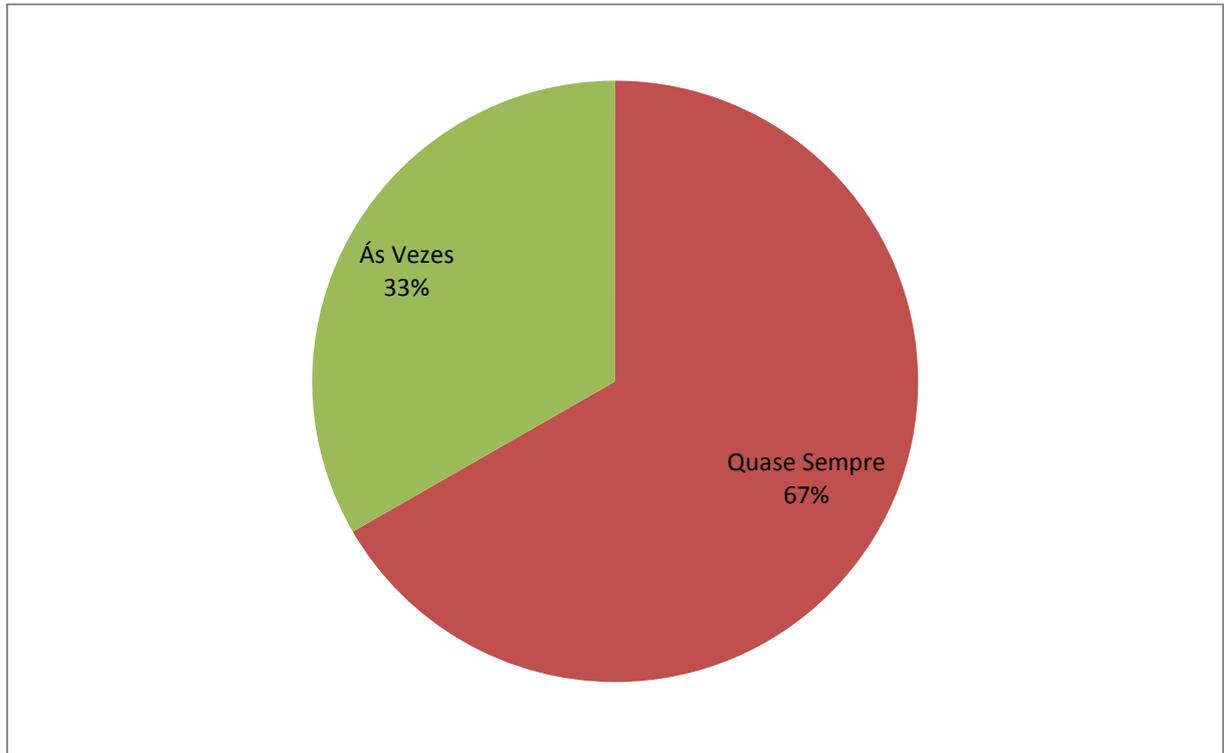
Em relação se os filhos (as) usam o dedo indicador para apontar alguma coisa e/ou pedir algo, foi assinalado que 1 (um) aluno quase sempre se relaciona e 2 (dois) às vezes.

O autismo inclui um amplo espectro de sintomas e exige avaliação preferencialmente de uma equipe com diferentes especialistas para que possam avaliar a comunicação, a linguagem, o êxito escolar, as habilidades motoras, fala e habilidades de pensamento. Portanto, deve-se estimular e intervir o mais precocemente possível especialmente antes dos 3 anos. De acordo com Tenório e Pinheiro (2019 p 18):

Não existe cura para autismo, mas um programa de tratamento precoce, intensivo e apropriado melhora muito a perspectiva de crianças pequenas com o transtorno. A maioria dos programas aumentará os interesses da criança com uma programação altamente estruturada de atividades construtivas. Os recursos visuais geralmente são úteis.

O principal objetivo do tratamento é maximizar as habilidades sociais e comunicativas da criança por meio da redução dos sintomas do autismo e do suporte ao desenvolvimento e aprendizado.

Gráfico 14: Uso do dedo indicador

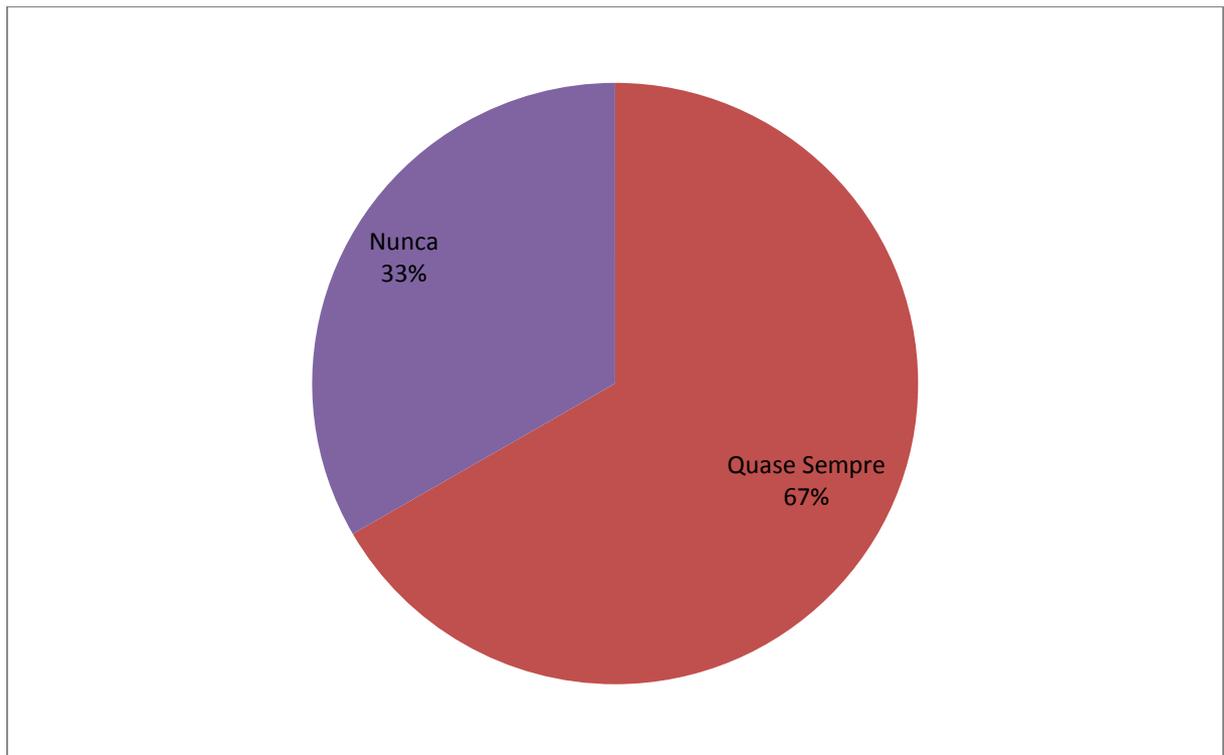


Fonte: Própria autora

Em relação se os filhos (as) usam o dedo indicador para apontar alguma coisa e/ou pedir algo, foi assinalado que 1 (um) aluno quase sempre e 2 (dois) às vezes. De acordo com o Ministério da Saúde (MS):

Comportamentos incomuns não são bons preditores de TEA, porque várias crianças com TEA não os apresentam e, quando os têm, costumam demonstrá-los mais tardiamente. Em alguns casos, são observados comportamentos atípicos, repetitivos e estereotipados severos, o que indica a necessidade de encaminhamento para avaliação diagnóstica de TEA. (BRASIL, 2014. p. 32).

Na pergunta se seu filho (a) olha para você no olho por mais de um segundo, obtivemos o resultado de que 2 (dois) alunos às vezes e 1 (um) aluno nunca.

Gráfico 15: Olha nos olhos

Fonte: Própria autora

Percebemos que as crianças autistas com a mudança de foco ocular, acabam não entendendo os significados das expressões faciais e também não captam informações subjetivas relevantes que são transmitidas através do olhar. Segundo a autora Mendina (2016, p.1): “O famoso “olhe para mim enquanto estou falando” não serve para os autistas. Eles fogem deste tipo de contato. No entanto, não é só o olhar das outras pessoas que eles evitam. [...] não aceitava se olhar no espelho. [...] resistência a se olhar no espelho.

No questionário aplicado aos pais e/ou responsáveis, as perguntas para serem assinaladas, tivemos as seguintes situações: Na questão em que deveriam marcar quais as dificuldades que eles têm com seu filho (a) autista, os itens que se destacaram foram à capacidade de entender o que o filho (a) sente, de entender o que o filho (a) quer e o de comunicar com o filho (a) quando há outras pessoas no mesmo ambiente. Gomes *et al* (2015, p.11) afirmam que:

O autismo infantil envolve alterações severas e precoces nas áreas de socialização, comunicação e cognição. Os quadros resultantes são, em geral, severos e persistentes, com grandes variações individuais, mas frequentemente exigem das famílias cuidados extensos e permanentes períodos de dedicação.

Podemos analisar que crianças com autismo não falam, porém compreendem plenamente a linguagem, são incapazes de comunicar em palavras seus sentimentos em relação ao que estão ouvindo.

Em relação a assinalar os itens que se encaixam com a sua realidade, hoje, foi assinalado pelos pais das 3 (três) crianças que: na maioria das vezes os filhos não entendem o que as pessoas falam. De acordo com Pereira *et al* (2018, p.354-355):

[...] foi possível perceber que o relacionamento de mães e de pais com essas crianças envolvia um investimento contínuo no filho na expectativa de que este acompanhasse o desenvolvimento típico [...] apesar de a criança com TEA apresentar falhas inatas que levam a trajetórias atípicas, a ação de mães e de pais pode auxiliar no desenvolvimento dos filhos, aumentando a sua funcionalidade em atividades da vida diária.

Na questão em que deveriam marcar quais as dificuldades que eles têm com seu filho (a) autista, os itens que se destacaram foram à capacidade de entender o que o filho (a) sente, de entender o que o filho (a) quer e o de comunicar com o filho (a) quando tem outras pessoas no mesmo ambiente.

Podemos analisar que crianças com autismo não falam, porém compreendem plenamente a linguagem, mais são incapazes de comunicar em palavras seus sentimentos em relação ao que estão ouvindo.

Em relação assinalar os itens que se encaixam com sua realidade hoje, foi assinalado pelos pais das 3 (três) crianças que: na maioria das vezes não entendem o que as pessoas falam pais e/ou responsáveis de 2(duas) crianças assinalaram os seguintes itens: que pega todo material que o filho (a) aponta que o filho (a) tem poucos amigos, falam coisas que não tem a ver com o assunto de uma conversa, que fica chateado (a) quando percebe que ele (a) não inicia a comunicação e que tem a impressão que as pessoas não entendem o que o filho (a) quer comunicar.

As autoras Frizzarini; Cargini (2019, p.103) enfatizam que:

Uma das principais características de alunos com TEA que agrava o trabalho [...] é a dificuldade na interação social, a falta de expressão facial, a dificuldade de o aluno permanecer sentado por muito tempo. Essas e outras dificuldades podem estar relacionadas com as seguintes teorias.

Nas perguntas abertas obtivemos as seguintes respostas: ao serem questionados sobre qual foi sua maior preocupação quando soube que seu filho (a) era autista, tivemos as seguintes respostas: O pai e/ou responsável X colocou que:

“As dificuldades que enfrentaria no decorrer da vida e a preocupação de como seria isso tudo. ” E o pai e/ou responsável Y colocou que:” minha preocupação foi à dificuldade de aprendizagem do meu filho e o desenvolvimento dele.”

Ao serem questionados se têm alguma dificuldade com o (a) filho (a) na escola e quais são elas. O pai e/ou responsável Y respondeu que:

“Sim, não entendo a hora que é para estudar e a hora que é para brincar, às vezes ele não tem paciência de ficar por certos momentos fazendo as atividades, muitas reclamações de que ele fica brigando na escola, não cuida do material certinho e sempre o caderno está sem atividade. “

O pai e/ou responsável X deu a seguinte resposta: “A minha dificuldade é em relação à Rede Estadual de Ensino que não tem profissional para acompanhar meu filho e isso me deixa muito triste.”

Em relação à pergunta: hoje, quais são seus os maiores desafios e seu filho (a) autista, o pai e/ou responsável X respondeu que: “Conseguir profissional especializado para meu filho, a falta de entrosamento dele nas coisas relacionadas à escola e aprendizado.” O pai e/ou responsável Y colocou: “Meu maior desafio é sair em lugares públicos.” Porém de acordo com a Declaração de Salamanca:

O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado com veemência pela Declaração sobre Educação para Todos. Pensando desta maneira é que este documento começa a nortear Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos.

Os pais e/ou responsáveis o serem questionados sobre quais suas dúvidas sobre o autismo, o pais e/ou responsável X respondeu com outro questionamento: “Será que meu filho autista terá uma aprendizagem? ” E o pai e/ou responsável Y também questionou: Meu filho vai se desenvolver normalmente? Ele vai conseguir levar uma vida normal?

Finalizando, eles responderam a seguinte pergunta: qual conselho você daria para que os pais e mães de uma criança autista? O “responsável X, respondeu: Corra atrás dos direitos de seus filhos, pois eles têm direitos que muitas vezes não cumprem.” Daí a importância do professor estar sempre em contato com a família do aluno. Isso requer um esforço e sintonia com a família e pesquisas sobre a síndrome.

A partir dos resultados foi elaborado o Produto Final fundamentado em estudos articulados à prática com o aluno autista

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa proporcionou uma reflexão sobre a questão da inclusão com os alunos autistas no contexto escolar de forma a contribuir com o seu processo ensino e aprendizagem, onde buscou compreender a concepção, as práticas e os desafios dos professores em relação ao autismo, bem como os reflexos desta na educação escolar oferecida aos seus alunos.

Abordar esta temática é de fundamental importância, pois o desempenho da criança autista depende do incentivo dos profissionais professores em parceria com a família buscando promover a interação e convivência em sociedade.

O autista é um ser que herdou o aparato biológico de seus ancestrais, mas no meio social pode encontrar condições de fazer os processos de origem biológica se transformem em funções psicológicas, para isso precisa-se oferecer condições através de um processo de desenvolvimento nas relações entre história individual e social.

São muitas ações que podem ser realizadas pelos alunos autistas e a principal é acreditar que ele tem potencial para aprender, pois sua deficiência pode funcionar como estímulo para a reorganização cultural da personalidade e com possibilidades de compensações. Segundo Mateus (2015, p.55):

O programa Son-Rise tem como base o Amor, seja pela criança, pelo autismo, pela família, pelo trabalho e pelo mundo. Através desta técnica, o terapeuta oferece à criança um mundo seguro onde é aceito pelo que ela é. Não existem regras rigorosas a seguir, a não ser a disponibilidade emocional do animador, que imitando os comportamentos da criança, mostra-lhe que a compreende e respeita.

Portanto, esta dissertação buscou responder quais as possibilidades e desafios dos professores para uma efetiva inclusão de alunos autistas em suas aulas? Buscando analisar as práticas inclusivas realizadas pelos professores e elaborar práticas inclusivas que contribuíssem para o atendimento aos alunos autistas na perspectiva da inclusão no cotidiano escolar.

É importante pontuar que apesar de todo o trabalho desenvolvido, foi possível averiguar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem ofertado aos alunos autistas, compreender suas particularidades e os incentivos às suas aptidões.

Os resultados das análises foram pautados nas observações realizadas dos alunos onde, nessa linha, cabe ressaltar a mediação da pesquisadora durante as mesmas, em que permanecia bastante atenta aos movimentos dos sujeitos observados, isto é, os alunos autistas, que foi uma condição indispensável para analisar e interagir com eles, além das colocações dos professores e pais participantes da pesquisa, que demonstraram que prevaleceu a concepção de autismo fundamentada em conhecimentos espontâneos, com precariedade em termos de conhecimento científico, além dos desafios enfrentados e a busca em dar o melhor de cada um, o que tem tido um impacto direto com os alunos e dentro da escola como um todo.

Percebemos também, nesta pesquisa, que os alunos autistas possuem características muito incomuns: dificuldades de compreensão de linguagem abstrata ou dificuldade para lidar com sequências complexas de instruções, dificuldade de interação com crianças da mesma idade é uma tarefa árdua para crianças autistas. Entretanto, o padrão de desenvolvimento pode alterar-se de acordo com o grau de prejuízo cognitivo de cada um. Porém, vale destacar que os problemas de comunicação e sociabilização tendem a permanecer durante toda a vida.

Destacamos que tanto os professores e pais abordaram alguns pontos que possuem maiores reflexos nas aulas e outros fazeres dentro da escola com impactos positivos e negativos, dentre eles: o autista mostra problema na linguagem da fala e nos estímulos visuais. Tem também os desafios dos professores diante da verdadeira inclusão dos alunos autistas, partindo do pressuposto que não têm formação e nem profissionais de apoio de educação Especial para receber este aluno, falta de conhecimento sobre o assunto, faz um trabalho improvisado, sendo tudo isso um grande impacto causado no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Santos; Soares (2017, p.15): “Os autistas aprendem de forma diferenciada, sendo assim o professor tem que se adequar ao aluno, ao seu material de ensino, sua forma de comunicação entre outros.”

Podemos afirmar que a escola tem o papel não de reforçar as fragilidades, a deficiência de aluno, mas, de investir na educação formal, nos conhecimentos científicos, no aprofundamento teórico, oportunizando a esses alunos autistas seu avanço nas funções psicológicas superiores.

Ela tem também um papel único na evolução do aluno autista com variados graus de comprometimento social e cognitivo, a escola e o professor devem buscar

conhecer e descobrir como fazer uso das potencialidades destes campos íntegros do autismo e criar ações mediadoras específicas, fazer uso de técnicas pedagógicas, recursos e métodos que busquem a superação das limitações desses alunos, pois a escola é fundamental para que seus alunos se apropriem dos conhecimentos de acordo com suas potencialidades em seu universo.

Porém, em análise aos dados coletados, percebeu-se que ela está, na medida do possível, buscando cumprir seu papel com os alunos autistas usando de estratégias que permitam a integração de forma mais autônoma, porém ainda há necessidades de mudanças para a melhoria da emancipação destes e enriquecer cada vez mais o processo de ensino e aprendizagem deles, principalmente aquisição de professores especializados, formação continuada para os professores regentes e a participação da família de forma mais efetiva, primando por uma escola de qualidade para todos.

Nesta perspectiva, professor deve fazer com que o aluno autista se sinta à vontade com os outros, possibilitando a aquisição de novas habilidades, mesmo com todas as suas dificuldades e deve desenvolver práticas que busquem cessar os preconceitos e o isolamento social do aluno autista que tem como um dos principais marcadores o déficit na interação social.

Para isso, deverão buscar novos mecanismos que possam auxiliar na melhoria da educação dos alunos autistas e trilhar caminhos para a aquisição de um ensino verdadeiramente de qualidade, gratificante e enriquecedor, para tanto, precisa contar com profissionais da Educação Especial e também com o apoio efetivo de uma equipe multidisciplinar composta de neurologista, psicopedagoga, fonoaudiólogo e outros profissionais que realizam um trabalho diferenciado e em conjunto que com isso, refletirá no trabalho realizado em sala de aula.

Este estudo significou um grande desafio e uma realização, porque ele adentrou em um universo de inúmeras discussões por se relacionar a comportamentos, paradigmas e transtornos associados a adequações a tendências contemporâneas. Na elaboração do Produto Final, primamos pela utilização de práticas variadas, explicação de diferentes maneiras de trabalhar com o aluno autista visando sua estimulação, mediação e interação, através do uso de materiais concretos para buscar facilitar a sua aprendizagem visando a construção do conhecimento, respeitando suas limitações, pois isso é de grande importância na educação em casos

de autismo. Portanto, ele será apresentado à Secretaria Municipal de Educação (SEME) e a SRE de Cachoeiro de Itapemirim-ES.

Enfatizamos a relevância desse estudo em relação ao trabalho com alunos autistas se tornar efetivo, incluindo-os com orientações pedagógicas adequadas para possibilitar a sua aprendizagem de acordo com suas particularidades. Destacamos também que contribuirá para que esses alunos avancem nas diferentes linguagens, na simbolização e por meio das intervenções individualizadas, para que, com isso, a criança compreenda melhor os conhecimentos e se torne cada vez mais independente.

Vale ressaltar que é muito importante que qualquer proposta de educação inclusiva para alunos autistas deverá ser feita dentro das escolas regulares, com vistas à superação das suas limitações biológicas por meio da compensação, desde que as suas dificuldades sejam desnaturalizadas e as limitações impostas pela síndrome possam ser superadas pela via da aprendizagem que leva ao desenvolvimento, objetivando um trabalho de qualidade significativo que vise à humanização do aluno com autismo, tornando protagonista do saber, superando os desafios no processo ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Ana Paula Valentim de. **A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista nas classes comuns da rede regular de ensino.** 2015.

<https://jus.com.br/artigos/42693/a-inclusao-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista-nas-classes-comuns-da-rede-regular-de-ensino>. Acesso em 15 de abril de 2020.

BARBERINI, Karize Younes. **A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas.** São Paulo: Caderno de Pós-Graduação de Distúrbios e Desenvolvimento, vol.16, nº. 1, junho, 2016.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FONTES, Renata Fonseca Lima da. **Estereotípias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, vol.16 nº 4 Oct./Dec. 2016.

BERND, Daniele Cristina; ANZILAGO, Marcielle. **Um estudo sobre a classificação metodológica empregada nas pesquisas do congresso brasileiro de custos de 1994 a 2014 na linha de pesquisa ensino/educação em custos.** Pernambuco: Porto de Galinhas, XXIII Congresso Brasileiro de Custos 2016.

BITTENCOURT, Claudia. **O que é autismo?** UNASUL, 2015, <https://www.unasul.gov.br/noticia/o-que-e-autismo-0>. Acesso em 10 de novembro de 2019

BLOG - FCE. **Didática e metodologia: um olhar sobre música e ludicidade no processo de aprendizagem de crianças autistas.** 2018 <https://fce.edu.br/blog/didatica-e-metodologia-um-olhar-sobre-musica-e-ludicidade-no-processo-de-aprendizagem-de-criancas-autistas/> Acesso em 13 de abril 2020

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: intervenções psicoeducacionais.** Revista Brasileira de Psiquiatria. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, v.28/ p.47-53. Disponível em: Acesso: 14. Agosto de 2019

COSTA, Shirley Maria Silva da; BARROS, Cristianne Boullitreau de Menezes;

DANTAS, Edja Soares; SILVA, Jéssica Cristina Barbosa da; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. **Os desafios do professor diante do aluno autista no processo da aprendizagem escolar.** 2017.

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SA10_ID8519_26082018081511.pdf. Acesso em 10 de novembro de 2019

DALBOSCO, Claudio Almir. **Condição humana e educabilidade: um problema nuclear das teorias educacionais clássicas.** Maringá: Rev. Bras. Hist. Educ., vol 18, Jan 14, 2019.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. 1994, <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 07 de julho de 2019

ESCOBAR, Herton . **Especialistas discutem as últimas descobertas sobre o autismo em evento gratuito.** Jornal da USP: out/2019.

FRIZZARINI, Silvia Teresinha; CARGNIN, Claudete. **O processo de inclusão e o autismo temático institucional.** São Paulo: Educ. Matem. Pesq., v.21, n.5, pp. 99-109, 2019.

GOMES, Gabriela. **O papel da mulher da antiguidade à contemporaneidade.** 2017. Disponível em <https://encenasaudemental.com/post-destaque/o-papel-da-mulher-da-antiguidade-a-contemporaneidade/> Acesso em 8 de abril de 2020.

GOMES, Paulyane T.M. **Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática.** Porto Alegre: J. Pediatria, vol.91 nº2 Porto Alegre Mar./Apr. 2015.

GURGEL, Iure Coutre; Santos, Mídia Izlia Praxedes dos. **O processo de ensino-aprendizagem numa perspectiva inclusiva: o direito do educando aprender.** Rio Grande do Norte: IV CONEDU, 2015.

LACERDA, Lucelmo. **Fazendo uma intervenção baseada em ABA.** 2019. <https://tismoo.us/saude/tratamentos/fazendo-uma-intervencao-baseada-em-aba/> Acesso em 09 de setembro de 2019.

Manual de Orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria. Nº 5, abril, 2019. https://www.google.com.br/search?biw=497&bih=263&ei=T-NWxoTp LafH 5OU Pqo OKgAE&q=sintomas+do+autismo++%2B+2015+a+2019&oq=sintomas+do+autismo++%2B+2015+a+2019&gs_l=psyab.3...1235.3224..4380...0.1..0.315.531.2-1j1.....0....1j2..qws-wiz.....0i71j0i7i30.sDIRzvXIE6l&ved=0a_h_UK EwjEzP7vIPDnAhWnl7kGHagBAhAQ4dUDCAo&uact=5. Acesso em 26 de fevereiro de 2020.

MARTINS, Alessandra Dilair Formagio; MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. **Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico.** Maringá: Psicologia Escolar e Educacional, vol.21 nº. 2 May./Aug. 2017.

MATEUS, Manuela Maria Reis. **O assistente social da criança autista e sua família.** Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Portugal: 2015.

MENDINA, Luciana. **Autismo: da dificuldade no contato visual à habilidade de montar brinquedo.** 2016. leiturinha.com.br/blog/autismo-do-contato-visual-a-habilidade-de-montar-brinquedos/ Acesso em 12 de março de 2020.

NASCIMENTO, Carla Daniele Araújo Farias do; ANDRADE, Saulo José Veloso de. **A inclusão da pessoa com deficiência no contexto escolar: um olhar nesse cenário.** Paraíba-Camplo Grande: UFCG, 2016.

NÓVOA, Antônio. **Diminuir a autonomia docente cria apenas soluções paliativas.** Revista educação: 2017. <https://www.revistaeducacao.com.br/diminuir-autonomia-docente-cria-apenas-solucoes-paliativas-afirma-antonio-novoa/> Acesso em 02 de outubro de 2019

OPAS- Organização Pan Americana de Saúde. **Folha informativa - Transtorno do espectro autista**. abril de 2017, <https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>. Visitado em 10 de outubro de 2019.

OLIVEIRA, Ana Cristina Barbosa de; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos; FLORÊNCIO, Roberto Remígio. **Métodos e técnicas de pesquisa em educação**. Revista Científica da FASETE. 2019. www.fasete.edu.br > revistarios > media > revistas. Acesso em 13 de março de 2020.

OLIVEIRA, Karina Griesi; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético**. São Paulo: Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Leticia Marques de; PRESTRELO, Eleonôra Torres. **Mediando vidas na escola: reflexões acerca da inclusão escolar numa perspectiva gestáltica**. Rev. NUFEN vol.10 nº. 2 Belém: OPAS, maio/ago, 2018.

PINHEIRO, Goretti Tenório e Chloé. **O que é autismo, das causas aos sinais e o tratamento**. Família, Mente Saudável: 2018. <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/o-que-e-autismo-das-causas-aos-sinais-e-o-tratamento/> Acesso em 10 de novembro de 2019.

PEREIRA, Adriana Souza *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. **Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão**. 2015. Uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856. pdf. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

REVISTA AUTISMO. 2019. <https://www.revistaautismo.com.br/o-que-e-autismo/>. Visitado em 13 de novembro de 2019

SANTOS, Alex Reis dos; SANTOS, Roberta Gabriele de Menezes. **Educação inclusiva e a declaração de Salamanca**. 2016. https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_07.pdf. Visitado em 05 de outubro de 2019.

SANTOS, Cristiane Fontes dos; SANTOS, Hérica Carmen dos; SANTANA, Maria Jussara de. **O processo de aprendizagem de crianças autistas**. <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc12-3.pdf>. Acesso em 05 de outubro de 2019.

SANTOS, Karine da Silva. **O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo**. 2018. <https://scielosp.org/article/csc/2020.v25n2/655-664/pt/>. Acesso 14 de abril de 2020.

SANTOS, Marivaldina Bulcão dos. **A pesquisa bibliográfica como instrumento emancipatório nos alunos de educação à distância**. 2019. <http://estudosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudosiat/article/view/102>. Acesso em 03 de março 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa *et al.* **Mundo Singular: entenda o Autismo** /. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SOARES, Lucas Mendes; PETRY, Milene Correa. **Transtorno do espectro autista: estudo teórico do impacto emocional intrafamiliar e materno frente ao diagnóstico**. 2017. https://www.ftec.com.br/static/media/uploads/comunicacao_lucas_mendes_soares.pdf. Acesso em 20 de junho de 2020.

STRIBEL, Guilherme Pereira; ORTIGÃO, Maria Isabel Ramalho. **Pesquisa quantitativa em educação: algumas considerações**. 2016. www.researchgate.net/publication/314489471_PESQ. Acesso em 14 de abril de 2020.

TYBEL, Douglas. **O que é pesquisa de campo?** 2017. https://guia_da_monografia.com.br/pesquisa-de-campo/ Acesso em 08 de abril de 2020.

VIEIRA, Alexandro Braga. **Currículo e educação especial: as ações da escola a partir dos diálogos cotidianos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento de processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____ **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987

ZENKLUB. **autismo: saiba tudo sobre os diferentes tipos e como identificar**. 2018. <https://zenklub.com.br/autismo-sinais-diferentes-tipos/>. Acesso em 23 de fevereiro de 2020.

APÊNDICES**APÊNDICE A - FICHA DE OBSERVAÇÃO DOS ALUNOS AUTISTAS**

1 - Fica bem na sala de aula

Sempre Quase sempre às vezes Não

2 - Relaciona com outras crianças:

Sempre Quase sempre às vezes Não

3 - Sobe nas coisas como escada, móveis e outros:

Sempre Quase sempre às vezes Não

4 - Gosta de brincar:

Sempre Quase sempre às vezes Não

5 - Demonstra ser sensível a barulho:

Sempre Quase sempre às vezes Não

6 - Consegue brincar de forma correta com brinquedos pequenos:

Sempre Quase sempre às vezes Não

7 - Tem outro profissional com o aluno, além da professora regente

Sempre às vezes Não tem

8 - Ele (a) responde quando é chamado pelo nome:

Sempre Quase sempre às vezes Não

9 - Faz movimento estranho com os dedos perto do rosto dele:

Sempre Quase sempre às vezes Não

10 - Faz tarefas escritas:

Sempre Quase sempre às vezes Não

Outras observações:

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Prezado (a) Professor (a):

Gostaria de contar com sua colaboração nesta Pesquisa de Mestrado intitulada “Contribuição Didática e Pedagógica para o Ensino do Aluno Autista: Dilema, Perspectivas e Possibilidades. ”

Garantimos que sua identidade será mantida em sigilo.

Obrigada!

Mestranda Rianne Freciano de Souza

1 - Tempo de Serviço: _____ Idade: _____ Sexo: _____

2 - Nº de alunos autista da sala de aula: _____ Total de alunos na turma: _____

3 - Como foi saber que teria um aluno autista na sua turma?

4 - Você tem apoio de outros profissionais para atuar com ele (a)? Quem? Como?

5 - Como a família pode ajudar a escola?

6 - Quais são suas maiores dificuldades?

7 - O que é ser professora de aluno autista?

8 - O que você acha que deve ser feito para contribuir para melhorar o trabalho em sala de aula com aluno autista?

9 - Quais têm sido seus maiores desafios?

10 - O que mais você gostaria de acrescentar:

Obrigada pela atenção!

Mestranda Rianne Freciano de Souza

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

Srs Pais e/ou Responsáveis:

Contamos com sua colaboração para realização desta pesquisa de mestrado intitulada “Contribuição Didática e Pedagógica para o Ensino do Aluno Autista: Dilema, Perspectivas e Possibilidades. ”

Sua identidade será mantida em sigilo

Agradeço antecipadamente!
Mestranda Rianne Freciano de Souza

Marque com X quais características que você percebeu no (a) filho (a):

1 - Em faixa de idade descobriu que seu filho era autista

0 a 1 ano 1 a 3 anos 3 a 5 anos Acima de 5 anos

2 - Seu filho (a) é sensível a barulho:

Sempre Quase sempre às vezes Não

3 - Seu filho (a) tem bom relacionamento com outras crianças:

Sempre Quase sempre às vezes Não

4 - Seu filho (a) usa o dedo indicador para apontar alguma coisa e/ou pedir algo:

Sempre Quase sempre às vezes Nunca

5 - Seu filho (a) olha para você no olho por mais de um segundo:

Sempre às vezes Nunca

6 - Marque abaixo quais as dificuldades que você tem com seu filho (a):

De entender o que meu /minha) filho (a) quer.

De entender o que meu filho (a) sente

De comunicar com ele (a)quando estamos sós nós dois.

() De comunicar com ele (a) quando estamos quando tem outras pessoas no mesmo ambiente.

() De brincar com meu filho (a).

7 - Marque abaixo, quais itens se encaixam com sua realidade hoje:

() Eu pego todo material que meu filho (a) aponta.

() Meu filho na maioria das vezes não entende o que as pessoas falam.

() Meu filho (a) fala coisas que não tem haver com o assunto.

() Meu filho (a) tem poucos amigos.

() Não sei agir quando meu filho(a) não me entende e quando eu não o entendo.

() Meu filho (a) não compreende os que as pessoas dizem.

() Eu não me sinto a vontade em lugares públicos com meu filho(a).

() Não me preocupo com os muros do meu filho (a).

() Fico Chateado (a) quando percebo que um filho 9^º não inicia a comunicação.

() Tenho a impressão que as pessoas não entendem o que meu filho quer comunicar.

() Tenho a impressão que as pessoas zombam do meu filho (a).

() Tenho a impressão que as pessoas evitam meu filho (a).

() Percebo que as pessoas evitam meu filho (a).

Responda:

a) Qual foi sua maior preocupação quando soube que seu filho (a) era autista?

b) Tem alguma dificuldade com ele na escola? Quais?

c) Hoje, quais são os maiores desafios para você e seu filho?

d) Quais suas dúvidas sobre o autismo?

e) Qual conselho você daria para que os pais e mães de uma criança autista?

APÊNDICE D - PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA ALUNOS AUTISTAS

MESTRANDA: Rianne Freciano de Souza - 2020

APRESENTAÇÃO

A inclusão ainda é, em pleno Século XXI, um grande desafio para a escola, professores e pais, e, continua provocando preocupação a todos, pois novas demandas se apresentam e a escola e professores precisam estar preparados para atender os alunos autistas com respeito e dignidade.

Em minha pesquisa de mestrado tive como objetivo geral “investigar as possibilidades para incluir alunos autistas no processo ensino e aprendizagem de forma efetiva na sala de aula, bem como analisar a concepção dos professores sobre autismo e seus reflexos na educação escolar oferecida aos alunos no que se refere à sua humanização.”

Segundo Deise Aparecida Curso da Costa (2015, p.17):

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), o autismo é uma síndrome que se faz presente desde o nascimento e se apresenta antes dos 30 meses de idade, caracterizando-se por respostas anormais a estímulos auditivos e visuais, atraso na linguagem, ou a ecolalia – repetição das palavras, uso inadequado dos pronomes – e, normalmente, o pronome de terceira pessoa para si, também a dificuldade em termos abstratos.

Neste contexto, foi gerada esta cartilha como produto final, onde contempla sugestões de práticas pedagógicas que podem ser aplicadas em ensino regular com alunos autistas visando contribuir com os profissionais da educação frente ao atendimento a esses alunos na perspectiva da inclusão no cotidiano escolar onde a nossa convivência com eles é uma constante, visto que estão cada vez mais presentes neste espaço singular, com isso é torna-se muito importante a necessidade de conhecer as diferentes interfaces, ampliar o debate e vivenciar práticas pedagógicas inclusivas.

Sucesso!

Mestranda Rianne Freciano de Souza

PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA ALUNOS AUTISTAS

Atividade 1

Conhecimento sobre o Autismo: Buscar conhecer sobre o transtorno e perceber as dificuldades que o aluno apresenta no processo de aprendizagem e contribuir para minimizá-las.

SUGESTÕES PRÁTICAS: Estudo de textos, discussões em duplas e/ou pequenos grupos, roda de conversa e produção escrita.

Atividade 2

Estudo de texto: Estudar sobre autismo para aquisição de conhecimentos teóricos.

SUGESTÕES PRÁTICAS: Em duplas e/ou pequenos grupos, estudar e grifar o texto “Autismo: A Importância de Conhecer para Incluir” (Anexo 2). Em seguida, em círculo promover uma Roda de Conversa.

Atividade 3

Dicas para ajudar aluno com Autismo: Discutir as possíveis dicas para ajudar aluno com Autismo

SUGESTÕES PRÁTICAS: Distribuir 1 (uma) ou 2 (duas) dicas (Anexo 3) para cada dupla e/ou pequenos grupos que deverão ler discutir e partilhar

Atividade 4

Estudo da Cartilha Transtorno do Espectro do Autismo: Estudar a cartilha para aprofundar conhecimentos teóricos e práticos.

<http://www.associacaoinspirare.com.br/wp-content/uploads/2017/05/flip.pdf>

SUGESTÕES PRÁTICAS: Em duplas e/ou pequenos grupos executar os seguintes comandos abaixo:

Vocês deverão ler as páginas de ____ a ____, discutir e montar uma apresentação de como podemos explorar este tema na escola.

OBS: Recebendo as seguintes partes:

GRUPO 1- TEMA: O que é TEA e os símbolos

Da página 9 a 12

GRUPO 2-TEMA: Sinais de Alerta, como identificar TEA e Providências.

Da página 13 a 16

GRUPO 3- TEMA: Providências e Sintomas.

Da página 17 a 23

GRUPO 4- TEMA: Profissionais e Tratamento do TEA

Da página 24 a 25

GRUPO 5- TEMA: Direitos da Pessoa com TEA

Da página 26 a 28

GRUPO 6- TEMA: O Direito a Educação e à dignidade

Da página 29 a 31

GRUPO 7- TEMA: Direitos ao Trabalho, Benefícios Tributários e outros

Da página 32 a 35

GRUPO 8- TEMA: Os Crimes e Defesa do TEA

Da página 45 a 48

Atividade 5

ALGUMAS ATIVIDADES VOLTADAS A CRIANÇAS COM AUTISMO²

TV Musical

Esta atividade tem como objetivo estimular a participação física da criança e o contato dela com imagens coloridas. A brincadeira consiste em reproduzir canções

² <https://neurosaber.com.br/quais-atividades-sao-adequadas-para-criancas-com-autismo/> Visitado em 29 de fevereiro de 2020.

infantis acompanhadas de gestos com os dedos. Tudo isso feito em um televisor de papelão, para estar realmente próximo da criança.

A ação motivadora nesse caso é cantar as músicas que a criança pode gostar a fim de estabelecer uma relação de interação entre ela e o adulto. Lembre-se que a imitação de vozes e trejeitos de um personagem infantil é extremamente relevante.

Cócegas

A atividade de cócegas é responsável pela aproximação da criança com o adulto, mas principalmente quando a brincadeira é feita por um personagem infantil (de preferência aquele que a criança tenha afeição). Importante salientar que as cócegas devem ter moderação. Se você perceber que a criança não está se sentindo bem, pare imediatamente.

O objetivo da atividade é fazer com que a criança se divirta, mas também desenvolva sua comunicação verbal ao pedir mais cócegas, tudo de maneira livre e sem cobrança (como deve ser em todas as atividades).

Uma vez estimulada de maneira divertida, o personagem (o adulto) de desenho ou programa que ela mais gosta será responsável por essa aproximação e desenvolvimento das habilidades em questão. Outro benefício desta atividade é despertar na criança a atenção compartilhada de 5 minutos ou mais, olho no olho.

Dado divertido

Esta atividade consiste em estabelecer brincadeiras físicas: pular, girar, entre outras ações, como arremessar pequenos brinquedos macios e coloridos para despertar a atenção na criança, além de flexibilidade.

É importante que nas primeiras vezes, o adulto jogue o dado para saber qual brincadeira será feita e depois da confiança da criança, que ela também seja estimulada a jogar o objeto e brincar.

Tampinhas coloridas

Outra dica é a junção de tampinhas coloridas. Esta atividade é ideal para se desenvolver nos pequenos a percepção de formas, tamanhos; além de ensiná-las detalhes como diferença e semelhança dos objetos.

Atividade 6

ATIVIDADES PSICOPEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS COM TEA³

Juntando tampinhas coloridas

Esta atividade consiste em um trabalho com cores, como o nome já indica. Ela é ideal para se desenvolver nos pequenos a percepção de formas, tamanhos; além de ensiná-las detalhes como diferença e semelhança dos objetos.

A brincadeira deve contar com tampinhas de variadas cores e algumas caixas para valer à pena. O adulto que estiver acompanhando deve ajudar a criança, orientando-a a agrupar as tampinhas de acordo com as cores correspondentes das caixas. Tampas vermelhas em caixa de cor vermelha, tampas verdes em caixa de cor verde, tampas amarelas em caixa de cor amarela e assim por diante.

Soletando o brinquedo

Identifique qual o brinquedo predileto do pequeno. Se a criança ainda estiver aprendendo a falar e estiver se comunicando somente por gestos, nada melhor que estimular a fala com esta atividade.

A partir do momento que você estiver segurando o objeto desejado, comece a falar para a criança o nome do brinquedo. Todo esse processo deve ser bem devagar, ocasionando a soletração do vocábulo. Por exemplo: usa-se a separação de sílaba e depois comece a soletrar. Eis uma maneira interessante de treinar a oralidade da criança com objetos que fazem parte de seu ambiente.

Pescando palavras

Que tal criar uma pescaria diferente, que utilize palavras? Esta brincadeira tem muito a ver com a citada acima. Mas neste caso, cada palavra deve estar em um cartão colorido a qual criança se sentirá motivada a pescar. Não economize na criatividade e tente utilizar palavras referentes a tudo que faça parte do cotidiano do pequeno. Depois, use outros termos para enriquecer o vocabulário.

³ <http://entendendoautismo.com.br/artigo/atividades-psicopedagogicas-para-criancas-com-tea/>
Visitado em 29 de fevereiro de 2020

Cautela

Vale lembrar que estas e outras atividades devem ser feitas depois de um contato com especialistas, pois eles podem auxiliar e até impedir alguma tarefa que não seja adaptada às condições da criança. Portanto, use a criatividade e sempre tenha um profissional por perto.

Atividade 7

Utilização de Cartilhas: Utilizar cartilhas de órgãos públicos para enriquecimento

SUGESTÕES PRÁTICAS: Trabalhar na sala de aula com cartilhas sobre Autismo como:

1-Autismo- Uma realidade- Ziraldo

http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/ziraldo/cartilha_ziraldo_autismo_uma_realidade.pdf

2- Conhecendo o Transtorno Espectro Autista

https://estudante.ifpb.edu.br/static/files/cartilha_espectro_autista.pdf

3-Cartilha de Orientação Transtorno do Espectro Autista (TEA)

https://download.fanese.edu.br/cartilha_de_orientacao_fanese_autismo.pdf

4- Cartilha- Entendendo o Autismo

<https://www.iag.usp.br/~eder/autismo/Cartilha-Autismo-final>.

5- Cartilha - Autismo e Realidade

http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_autismo/aut_diversos/Cartilha-AR-Out-2013%20-%20autista%20na%20escola.pdf

6- Cartilha -Direitos da Pessoa com Autismo

<http://www.oabdf.org.br/impressos/cartilhas/cartilha-direitos-da-pessoa-com-autismo/>

ANEXOS

ANEXO 1

AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA

03.161.032/0001-00
E.E.S.P. "ELISEU LÔFEGO"
ATO DE CRIAÇÃO PGM - nº 1.021 DE 22/08/11
ATO DE APROVAÇÃO RES. CES Nº 27/88
09/05/86 (S.O.) 1507/88
Estado Maranhense S. Esg. Santo
R. Agostinho Neto, 13
R. Rio Pinto, Curitiba - F.S.P. 19 310-802
Tel. 3511-4261
www.educacao.maranhao.gov.br
Cachoeiro de Itaipava - ES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Michelle Fonseca Nars, ocupante do cargo de Gestor Escolar na Escola Estadual de Ensino Fundamental Eliseu Lôfego, autorizo a realização nesta instituição a pesquisa **CONTRIBUIÇÃO AO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA**, sob a responsabilidade do pesquisador Rianne Freciano de Souza, tendo como objetivo primário (geral) Analisar as práticas inclusivas realizadas pelos profissionais da educação, em uma escola pública de Ensino Fundamental I. Pesquisar sobre os desafios e as possibilidades de inclusão do aluno autistas nas suas aulas;

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

15 de 15 de 2019.

Michelle Fonseca Nars
Michelle Fonseca Nars
Gestora Nº Funcional 265513

Michelle Fonseca Nars
Diretor Escolar
Nº Funcional 265513
Esg. Estadual nº 811-1701/20

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da instituição coparticipante

ANEXO 2

AUTISMO: A IMPORTÂNCIA DE CONHECER PARA INCLUIR

Eixo VIII – Educação inclusiva Universidade do Estado do Pará (UEPA)

⁴Edilene Amaral; ⁵Ester dos Santos; ⁶Fernanda Soares.

RESUMO

Com o passar do tempo tem-se pesquisado cada vez mais sobre o transtorno do espectro autista, porém ainda há uma grande dificuldade quanto à inclusão destas pessoas na sociedade. A partir dessa percepção desenvolvemos este artigo, com o objetivo de mostrar o autismo desde seu histórico, suas evoluções e a criação da lei que ampara os autistas, ressaltando a importância da sociedade, da família e da escola para o desenvolvimento dos mesmos, e destacando as formas de comunicação alternativa que podem auxiliar neste processo. Tal pesquisa foi desenvolvida com embasamento teórico. No decorrer do estudo, percebeu-se que é grande o número de informações que há sobre o tema, porém ainda são poucas as pessoas que se informam sobre o assunto, o que contribui para que perdure o preconceito e o desrespeito aos autistas. Isso acontece também na educação, pois, mesmo com aplicativos gratuitos que podem ser usados como mediadores para a interação de alunos autistas, há poucos profissionais qualificados para atender as necessidades desses estudantes, o que não contribui para uma aprendizagem significativa do autista. A partir disso percebe-se que não basta ter apenas pesquisas sobre autismo, deve-se haver a busca pelo conhecimento, para que se compreenda o autista, e esses possam ter uma melhor qualidade de vida e possam ser incluídas na sociedade, sem preconceitos negligências e codinomes.

Palavras-Chave: Autismo. Informação. Inclusão.

⁴ Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E- mail: edilenesamaral@hotmail.com.

⁵ Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E- mail: ester.mauris@gmail.com.

⁶ Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E- mail: fernandaemanuelle2@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A palavra “autismo” deriva do grego “autos”, que significa “voltar-se para si mesmo”. A primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler para se referir a um dos critérios adotados em sua época para a realização de um diagnóstico de Esquizofrenia. Estes critérios, os quais ficaram conhecidos como “os quatro As” de Bleuler, são: alucinações, afeto desorganizado, incongruência e autismo. A palavra referia-se à tendência do esquizofrênico de “ensimesmar-se”, tornando-se alheio ao mundo social – fechando-se em seu mundo, como até hoje se acredita sobre o comportamento autista.

No século XIX se iniciou algumas pesquisas sobre indivíduos que apresentavam transtornos afetivos e movimentos estereotipados. Leo Kanner em 1943 apresentou esses estudos que foram pesquisados por outros médicos para o mundo. Mas as pesquisas continuaram acerca do autismo. Sempre um grupo de pessoas era analisado e assim traçavam alguns aspectos comuns entre elas. Ao longo de todo esse período muitas pesquisas foram feitas e teses foram derrubadas. Todos esses estudos foram de grande contribuição para o conhecimento que temos hoje sobre este transtorno.

Ao mesmo tempo em que há estudos falando sobre o autismo e sobre como trabalhar com essas crianças e adultos, ainda há uma ausência de profissionais que saibam lidar com esse transtorno. Ainda há escolas que não tem as estruturas e profissionais qualificados para atender essas crianças.

Nesse quadro percebemos a falta de qualificação de profissionais, pois, não há a formação continuada e que a escola não segue à risca o que Lei de pessoas autistas exige de cada escola e profissional. Este trabalho vem para esclarecer sobre essa definição do autismo e como a síndrome atingi o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo que irá estar presente em toda a vida do indivíduo. E verificar dentro dos grupos: família, trabalho e escola, o quanto a Lei está presente ou não para amparar os direitos dessas pessoas.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Segundo a AMA (Associação de amigos do autista) Bahia,

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um termo que tem sido usado por muitos profissionais para descrever crianças que apresentam dificuldades na interação social, no brincar e na comunicação. O TEA não é um termo médico. Mas é uma maneira prática de descrever um grupo grande e variado de crianças com semelhanças na sua maneira de processar as informações e entender o mundo é uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, antes, durante ou logo após o nascimento. Esses distúrbios se caracterizam pela dificuldade na comunicação social e comportamentos repetitivos. (AMA- BA, 2015, p.1).

O autismo não é um transtorno com uma causa específica. Quanto à abordagem biológica Assumpção e Pimentel (2000) afirmam que as causas do autismo são desconhecidas, porém várias doenças neurológicas e/ou genéticas foram apresentadas como sintomas do autismo. Problemas cromossômicos, gênicos, metabólicos e mesmo doenças transmitidas/adquiridas durante a gestação, durante ou após o parto, podem estar associados diretamente ao autismo.

Embora todas as pessoas com autismo partilhem as mesmas dificuldades, elas apresentam os sintomas em diferentes intensidades. Assim, essas diferenças podem existir desde o nascimento e serem óbvias para todos; ou podem ser mais sutis e tornarem-se mais visíveis ao longo do desenvolvimento. Podem ser associadas com deficiência intelectual, dificuldades de coordenação motora e de atenção e, às vezes, as pessoas com autismo têm problemas de saúde física, tais como sono e distúrbios gastrointestinais e podem apresentar outras condições como síndrome de déficit de atenção e hiperatividade, dislexia ou dispraxia. Na adolescência podem desenvolver ansiedade e depressão.

Alguns autistas podem ter dificuldades de aprendizagem em diversos estágios da vida. Outras poderão levar uma vida relativamente “normal”, enquanto outras poderão precisar de apoio especializado ao longo de toda a vida.

Segundo Varella (2011):

“O autismo acomete pessoas de todas as classes sociais e etnias, mais os meninos do que as meninas. Os sintomas podem aparecer nos primeiros meses de vida, mas dificilmente são identificados precocemente. O mais comum é os sinais ficarem evidentes antes de a criança completar três anos. De acordo com o quadro clínico, eles podem ser divididos em 3 grupos:

- 1) Ausência completa de qualquer contato interpessoal, incapacidade de aprender a falar, incidência de movimentos estereotipados e repetitivos, deficiência mental;
- 2) O portador é voltado para si mesmo, não estabelece contato visual com as pessoas nem com o ambiente; consegue falar, mas não usa a fala como ferramenta de comunicação (chega a repetir frases inteiras fora do contexto) e tem comprometimento da compreensão;

3) Domínio da linguagem, inteligência normal ou até superior, menor dificuldade de interação social que permite aos portadores levar vida próxima do normal. "(Varella, 2011, p.1).

4)

Quanto à sensibilidade sensorial de alguns autistas, de acordo com Rimland 1990, "Cerca de 40% das crianças com autismo tem alguma anormalidade de sensibilidade sensorial". Isto pode ocorrer em um ou em mais dos cinco sentidos – visão, audição, olfato, tato e paladar – que podem ser mais ou menos intensificados. Por exemplo, uma pessoa com autismo pode achar determinados sons de fundo, que outras pessoas ignorariam, insuportavelmente barulhentos. Isto pode causar ansiedade ou mesmo dor física. Alguns indivíduos que são subsensíveis podem não sentir dor ou temperaturas extremas. Outras podem balançar rodar ou agitar as mãos para criar sensação, ou para ajudar com o balanço e postura ou para lidar com o stress ou ainda, para demonstrar alegria.

As pessoas com sensibilidade sensorial podem ter mais dificuldade no conhecimento adequado de seu próprio corpo. Consciência corporal é a forma como o corpo se comunica consigo mesmo ou com o meio. Um bom desenvolvimento do esquema corporal pressupõe uma boa evolução da motricidade, das percepções espaciais e temporais, e da afetividade.

3 METODOLOGIA

Optou-se uma metodologia baseada em uma pesquisa documental e revisão bibliográfica, por meio de análises de artigos, onde se procurou pesquisar, discutir e explicar as especificidades do transtorno do espectro autista, mostrando seu histórico, suas características, direcionando para a família e escola mostrando a importância de se cumprir à lei que ampara os autistas e, finalizando com a questão pedagógica onde se pesquisou técnicas de comunicação alternativa para autistas.

Tais discussões foram criadas, baseadas na lei 12.764, de 27 de Dezembro de 2012 no site do Doutor Dráuzio Varella, médico, cientista e escritor brasileiro, nas obras de SANTOS (2008), LEBOYER (2005); GOMES; FIGUEIREDO; POULIN (2010) e informações contidas no site da Associação de Amigos do Autista da Bahia (AMA Bahia), entre outras obras.

4 FAMÍLIA, ESCOLA E SOCIEDADE

Segundo a lei que ampara os autistas:

§ 2º A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

I - A intersetorialidade no desenvolvimento das ações e das políticas e no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista;

II - a participação da comunidade na formulação de políticas públicas voltadas para as pessoas com transtorno do espectro autista e o controle social da sua implantação, acompanhamento e avaliação;

III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

VI - A responsabilidade do poder público quanto à informação pública relativa ao transtorno e suas implicações;

VII - O incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis;

Então, o autista tem direito a políticas públicas direcionadas, e deve ser disponibilizado atendimento médico e tratamento com uma equipe de vários profissionais para atuar em cada dificuldade que a criança tiver, e de acordo com a necessidade dela.

Também é necessário conscientizar a comunidade, pois é previsto por lei que deve ser esclarecido a todos o que é autismo e suas gravidades. A informação é um ponto muito importante, pois, ela não deve ser dada somente aos professores que vão trabalhar a inclusão desta criança na escola com outras crianças, mas também para todos que estão ao redor de quem tem TEA (Transtorno do espectro autista) e, para que ele possa ter uma vida “normal” e obtenha autonomia. Todos os deveres e direitos devem ser disponibilizado aos autistas, não importando a classe social, e assegurando a eles vida digna, acesso ao mercado de trabalho, atendimento hospitalar. A educação também está como direito, sendo a instituição que negá-la penalizada com multas.

A inclusão já começa na sanção da Lei na defesa dos autistas como foi visto nos parágrafos anteriores. É bom ressaltar que não há cura para o Transtorno do Espectro Autista, o que há são intervenções necessárias para eles terem o máximo de autonomia e contato com as pessoas.

O meio social no qual está inserido e assim desenvolver outras habilidades, como por exemplo, a linguagem, motricidade, comportamento, dentre outros

necessários para seu desenvolvimento. A inclusão nesse ambiente é ideal para estabelecer uma rotina, regular comportamentos e ter contato com outras pessoas.

É previsto por Lei que eles tenham direito ao mercado de trabalho. Porém, há muitas controvérsias se eles podem ou não ter uma vida “normal”. Ou seja, nem todos que tem TEA exercem algum tipo de trabalho.

Passando para o ambiente escolar temos uma grande dificuldade com relação à inclusão. A falta de formação dos profissionais capacitados, salas lotadas, falta de conhecimento sobre o assunto, poucos recursos para o ensino lúdico deste aluno. Esses fatores acabam excluindo a criança com autismo, e logo é negado a ela um direito que é obrigatório.

Muitos pais sofrem com relação a matrícula, pois, as maiorias das escolas não aceitam alunos com deficiência, e isso não deveria acontecer, já que de acordo com a lei Berenice Piana a pessoa autista deve ter acesso à educação e ensino profissionalizante e se negado esse direito a escola é penalizada com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários mínimos.

Muitas escolas agem de má fé, fazendo com que a família contrate alguém de fora do corpo docente para poder acompanhar o aluno na sala de aula, isso é totalmente errado, já que a instituição deve disponibilizar pessoas especializadas para acompanhar o aluno.

Portanto, a escola possui um papel importante não no requisito diagnóstico, mas no parecer pedagógico, ou seja, os professores têm um papel fundamental na vida de cada aluno, pois cabe a eles na escola observarem o aluno, perceberem quando ele possui um comportamento diferente diante dos outros e a partir disso alertar a família para que eles venham procurar o acompanhamento adequado, e após esse acontecimento, o professor juntamente com a família busquem meios para trabalhar o desenvolvimento na aprendizagem daquele aluno.

Os autistas aprendem de forma diferenciada, sendo assim o professor tem que se adequar ao aluno, ao seu material de ensino, sua forma de comunicação entre outros.

Segundo Santos, (2008, p.30) "É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas". Ou seja, professor não deve simplesmente trabalhar meios somente para o aluno autista, mas também com a turma toda, para que haja um convívio adequado e de união entre eles.

Quando se deseja que a criança olhe para o professor, segura-se delicadamente o rosto dela, direcionando-o para o rosto do professor. Pode-se falar com a criança, mesmo que seu olhar esteja distante, tendo como meta um desenvolvimento de uma relação baseada em controle, segurança, confiança e amor. (Santos, 2008, p.31 e 32).

O autista dificilmente atende quando é chamado, dessa forma se faz necessário que o professor saiba lidar com essa situação da melhor forma.

Faz-se necessário o conhecimento sobre o autismo, para que o educador possa desenvolver um trabalho melhor com este aluno, não limitando apenas ao estagiário selecionado para cuidar da criança, estagiário esse que na maioria das vezes não possui formação adequada.

É importante que o docente utilize materiais que estimulem esse aluno, ou seja, matérias que o agradem, utilizar meios simples, tanto em atividades que não tenham um longo período de tempo, usar linguagem simples, pois geralmente o autista não processa uma linguagem muito complexa.

Deve utilizar imagens, atividades que sejam prazerosas para esse aluno, para que por meio dela venha ter um melhor aprendizado, criar rotinas, para que possa ser assimilada pela criança, sendo ela já terá um conhecimento sobre, evitar falar muito alto entre outros.

Há diversas atividades que podem ser utilizados, como os cartões de comunicação podem ser utilizados como meio de comunicação receptiva e expressiva com crianças com autismo, desde que já tenha intenção de comunicar-se e que esteja na fase simbólica de comunicação. Eles podem ser utilizados em vários ambientes de acordo com o contexto que a criança se encontra. As figuras escolhidas para os cartões devem ser o mais próximo possível da realidade da criança para que possa dar sentido e ver funcionalidade no seu uso.

Há também, o AEE, que é um serviço que permite que o aluno com deficiência ou síndrome possa participar das atividades curriculares da escola regular. Ele participa com o auxílio de meios inovadores que são ajustados para cada aluno dependendo de sua especificidade.

Segundo GOMES; FIGUEIREDO; POULIN (2010, p.40-45) “O AEE complementa a formação do aluno e visa a sua autonomia e independência na escola comum e fora”.

Assim o Atendimento Educacional Especializado melhora a inserção do autista e o seu desenvolvimento.

No ambiente escolar os cartões podem ser utilizados para contar uma história conhecida que pode ser realizado pelo professor de AEE (Atendimento Educacional Especializado) e da sala comum, reconto da história pelo aluno e também em parceria com os outros alunos da sala comum bem como pode ser utilizado para a produção de uma história, um relato e etc.

O Autismo modifica também toda estrutura familiar em seu modo de agir, pensar. A primeira resposta da família, em relação à síndrome do filho é a rejeição e culpa. Para a família que convive diariamente com essa criança a aceitação e adaptação é difícil. Para os demais familiares isso é um problema que poucos sabem lidar, pois, não existem muitos programas de orientação que possam dar suporte para que as famílias possam lidar com o “problema”.

O papel da família frente às dificuldades de seus filhos vem tomando outro formato com o decorrer dos anos. Se antes os pais tinham a postura de apenas assistir e não se envolver, agora tomam a postura de parceiros de profissionais especializados que proporcionam ótimos resultados.

Se a família promover meios para que a criança se desenvolva de forma autônoma obterá resultados satisfatórios. O principal foco do tratamento de crianças autistas é o trabalho colaborativo e a interação entre os ambientes em que a criança está inserida, para obter resultados satisfatórios em relação ao desenvolvimento da criança. Segundo SANTOS (2008 p.31e 32):

É importante à continuidade do ensino para uma criança autista, para que se torne menos dependente, mesmo que isto envolva várias tentativas, e ela não consiga aprender. É preciso atender prontamente toda vez que a criança autista solicitar e tentar o diálogo, a interação. Quando ocorrer de chamar uma criança autista e ela não atender, é necessário ir até ela, pegar sua mão e levá-la para fazer o que foi solicitado. Toda vez que a criança conseguir realizar uma tarefa, ou falar uma palavra, ou enfim, mostrar progresso, é prudente reforçar com elogios. (Santos, 2008, p.31 e 32).

5 PROGRAMAS DE ATENDIMENTO AO AUTISTA

Faltam instituições com programa integrado de atividades que estimulem o seu desenvolvimento. Pais de crianças autistas se desesperam, porque não encontram unidades especializadas próprias que ofereçam atendimento gratuito e integral aos filhos.

Há necessidade de um programa integrado, de atividades que estimulem o seu desenvolvimento, necessidade de uma equipe multidisciplinar, formada, entre outros,

por psicólogo, fonoaudiólogo, de um expert em instrução programada, como em matemática o método de ensino Kumon, aulas de natação, atividades que levem à concentração, que exercite a memória, como jogos de computador.

Há alguns métodos de intervenção que são aplicativos gratuitos, como o:

- TEACCH: programa estruturado que combina diferentes materiais visuais para organizar o ambiente físico através de rotinas e sistemas de trabalho, de forma a tornar o ambiente mais compreensível, esse método visa à independência e o aprendizado.
- PECS: Método que utiliza figuras e adesivos para facilitar a comunicação e compreensão ao estabelecer uma associação entre a atividade/símbolo.
- Terapia ABA: análise comportamental aplicada que se embasa na teoria do aprendizado baseado no condicionamento operante e reforçadores para incrementar comportamentos socialmente significativos, reduzir comportamentos indesejáveis e desenvolver habilidades

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do eixo de educação especial surge a importância de debater-se sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apesar de pesquisas e tentativas de conscientização sobre o assunto, ainda gera muitas dúvidas e preconceitos.

É importante ressaltar que todos devem saber e conhecer sobre este transtorno, para assim está de acordo com a lei que ampara as pessoas com autismo, sem olhar para classe social, cor ou raça, pois todos são iguais perante a Lei. Para nós, profissionais da educação, é de extrema importância a conscientização e a procura por mais pesquisas que envolvam o autismo, já que muitas perguntas ainda estão sem respostas, e também, a cada dia que passa sempre está sendo atualizado algo sobre o TEA.

O número de artigos e pesquisas sobre o autismo estar se tornando algo frequente, porém, não aumentou o interesse de escolas e ambientes profissionalizantes em ler essas pesquisas, contribuindo para que se permaneça e defenda-se a tese de que o autista é incapaz de fazer qualquer coisa.

E isso se inicia muitas vezes pela própria família, que impossibilita a autonomia do indivíduo, pois, acredita que suas ações são limitadas.

A Lei foi muito bem elaborada com o intuito de preservar a vida do autista e dar possibilidades a ele para viver uma vida comum, no entanto, não passam apenas de parágrafos e incisos. Na prática as pessoas que sofrem de TEA (Transtorno do espectro autista) ainda não possuem esses direitos.

Há “brechas” tanto na lei como também, na escola, família etc. Instituição que deveriam amparar essas crianças, adolescentes e adultos tem tratado o autismo com descaso, facilitando a evasão escolar, os maus tratos dessas pessoas, à dependência em vestir uma peça de roupa e outros.

O autismo irá acompanhar o indivíduo o resto da vida? Sim, no entanto há formas de torná-los independentes e terem uma vida “normal”. De terem uma vida estudantil, um emprego, formarem uma família e de terem a profissão que eles escolherem. É assim que uma pessoa dita normal quer viver, então o autista também tem esse direito.

REFERÊNCIAS

SELZLER, Marcirene; FONTANA, Simone Félix da Costa. **Autismo no âmbito familiar**. Disponível em: <http://www.progresso.com.br/opiniaio/autismo-no-ambito-familiar> Acessado em Outubro de 2015.

Autismo- Um breve histórico. Disponível em: <http://www.Psicologia e ciencia.com.br /autismo-um-breve-historico/> Acessado em Outubro de 2015.

O que é AUTISMO ou TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA?. Disponível em: <http://autismoerealidade.org/informe-se/> Acessado em Outubro de 2015.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, p.31 e 32. 2008.

Recursos e estratégias em baixa tecnologia para alunos autistas.Sugestões de atividades para trabalhar com autista

Disponível em:<http://aee2013valmota.blogspot.com.br/2014/06/recursos-e-estrategias> -Outubro de 2015.

ANEXO 3 -15 DICAS PARA AJUDAR SEU ALUNO COM AUTISMO⁷



Ajudar seu aluno com autismo. É importante notar que não é preciso implementar todas as dicas para todos os alunos. Cada aluno é único, e o que funciona para um aluno com autismo talvez não funcione para outro.

1 – Aposte na comunicação visual – prefira explicar e ilustrar conteúdos apoiando-se em figuras, quadros, fotos, objetos reais e demonstrações físicas.

2 – Opte por dividir as atividades, exercícios e tarefas em partes – em vez de pedir que o aluno faça, por exemplo, cinco operações matemáticas ou escreva dez frases de uma vez, sugira primeiro que ele comece com duas ou três.

3 – Comece pelas tarefas mais fáceis e deixe as tarefas mais complexas para o final – isso eleva a autoestima do aluno e o estimula a continuar engajado na atividade. Você pode também optar por começar com atividades que você já sabe que

⁷ <https://www.inspiradospeloautismo.com.br/como-ajudar-seu-aluno-com-autismo/> Visitado em 25 de fevereiro de 2020

o aluno gosta mais, e ir introduzindo aos poucos as atividades que ele tem mais resistência.

4 – Forneça instruções claras e diretas e use palavras concretas – evite enunciados e solicitações longas e abstratas. Em vez de fazer perguntas abertas, ofereça duas alternativas e deixe que o aluno escolha a que deseja. Você poderá usar ainda músicas, gestos, objetos e personagens para facilitar a comunicação e tornar as interações com os professores e os demais alunos mais divertidos.

5 – Inclua acessórios na rotina – elabore quadros de rotinas visuais e relógios para acompanhar a marcação do tempo e antecipar a transição de atividades.

6 – Preveja e antecipe as mudanças na rotina – invista em explicações e avisos sobre as mudanças. Leve o aluno antes para conhecer um novo espaço ou uma nova situação e observe se ele se sente confortável com a novidade.

7 – Seja um modelo social e convide os outros alunos a também agirem dessa forma – dê exemplos de respostas sociais esperadas em situações cotidianas e mostre claramente as emoções que as pessoas sentem em determinadas situações.

8 – Invista na troca de informações com a família e com os outros profissionais que auxiliam o aluno – mantenha anotações detalhadas na agenda diária do aluno e converse com a família sobre habilidades adquiridas e desafios encontrados no dia a dia.

9 – Observe a ocorrência de sobrecarga sensorial – ofereça exercícios físicos, massagens ou objetos de conforto de forma a auxiliar o processamento sensorial.

10 – Identifique os interesses e motivações do aluno – use esses interesses e motivações para despertar a atenção para as atividades, para facilitar o engajamento nas tarefas e para manter o aluno focado numa tarefa quando a classe estiver mais agitada.

11 – Prepare alternativas para as atividades – planeje um “plano B”, ou seja, uma forma alternativa de apreender determinado conteúdo ou de executar determinada atividade.

12 – Acredite no potencial do aluno – procure soluções criativas para verificar se o aluno tem absorvido o conhecimento, especialmente nos casos dos alunos que ainda não utilizam a comunicação verbal.

13 – Troque questões abertas por questões fechadas (como as de múltipla escolha) e incorpore desenhos, esquemas visuais e ilustrações às questões e explicações.

14 – Use histórias sociais, de preferência ilustradas ou reproduzidas teatralmente, para explicar situações sociais mais complexas como as festas da escola, a chegada das férias ou a troca de professores – todas estas situações podem ser antecipadas, explicadas e ensaiadas através destas histórias sociais.

15 – Não tenha medo de errar – tente encontrar os caminhos que funcionam melhor com cada aluno, lembrando que as crianças com autismo podem diferir bastante entre si.